



Programa de Pós-Graduação em
LINGUÍSTICA

**CORPOS EM DISCURSO: A BELEZA DA MULHER NEGRA –
INTERINCOMPREENSÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E REVASCULARIZAÇÃO
DISCURSIVAS**



São Carlos, 2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**CORPOS EM DISCURSO: A BELEZA DA MULHER NEGRA –
INTERINCOMPREENSÃO, RESSIGNIFICAÇÃO E REVASCULARIZAÇÃO
DISCURSIVAS**

BIANCA CRISTINA DE OLIVEIRA FABIANO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da Universidade
Federal de São Carlos, como parte dos requisitos
para a obtenção do Título de Mestra em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

São Carlos - São Paulo - Brasil

2026

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Bianca Cristina de Oliveira Fabiano, realizada em 29/05/2026.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar)

Profa. Dra. Renata de Oliveira Carreon (UNICamp)

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo(UFSCar)

O Relatório de Defesa produzido pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação.

AGRADECIMENTOS

[...] Quem tenta incessantemente, alcança. No balanço das andanças, aprendi a sobreviver. Agradeço, especialmente, à minha mãe, Eliana, aos meus sobrinhos e a todos os meus amigos queridos que me apoiam nessa batalha constante que é a vida. Aos que me ensinam a exercer a força e ao mesmo tempo, a sensibilidade de ser uma mulher negra na prática. Sem vocês, nada disso seria possível.

Episódios de racismo no cotidiano

O que há entre o branco e o negro?

Tentando me equilibrar entre a dor e o susto

Uma coisa que me incomoda

É nos tratarem como aberração

Eu não me encaixo no seu padrão

Dentro de mim há vários mundos:

Um é inquieto, calmo....

O outro é pacífico, desassossegado

Por que explicar?

Explodindo em distintas realidades

Chorei até que meus olhos ficassem vazios

Bianca Fabiano

RESUMO

A presente dissertação de mestrado dá continuação a uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida sob os auspícios financeiros do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2020, cujo título é *Ora-Yê-Yê-Ô: ou beleza negra: da resignificação discursiva ao empoderamento feminino negro*. Naquela pesquisa inicial, centramo-nos em analisar o funcionamento discursivo de tecnogêneros (postagens, hashtags, fotomontagens e vídeos), mobilizados por coletivos de mulheres negras na *web 2.0*, com vistas a resignificar as práticas de agressões discursivas das quais são alvo. Neste trabalho, o objetivo principal é promover o diálogo das propostas teóricas acerca da resignificação (Paveau, 2021; Paveau, Costa e Baronas, 2021) e da revascularização discursivas (Baronas e Costa, 2022 e Baronas 2024), trabalhadas articuladamente com o conceito de interincompreensão (Maingueneau 1984/2008). Com base num diálogo teórico entre os conceitos mencionados, analisamos como se constrói a história da beleza negra no Brasil, realizando um comparativo com a questão da polêmica racial fomentada em discursos de ódio nas redes sociais tendo como horizonte de reflexão o tema “beleza da mulher negra”. Com base nestas análises, buscamos compreender não só como essas mulheres que foram historicamente silenciadas resignificam as ofensas a elas dirigidas, mas também como determinados grupos reiteram os enunciados agressivos já anteriormente produzidos, reproduzindo um ponto de vista racista e machista. Finalmente, esta pesquisa está alinhada às práticas militantes de reparação e resistência histórica que estes coletivos promovem em ambiente digital.

Palavras-chave: Beleza negra; Resignificação e revascularização discursivas; Interincompreensão; Ciberviolência; Coletivos de mulheres negras.

RESUMEN

La presente tesis de máster es la continuación de un trabajo de iniciación científica desarrollado con el apoyo financiero del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) en 2020, titulado «Ora-Yê-Yê-Ô: o la belleza negra: de la resignificación discursiva al empoderamiento de las mujeres negras». En esa investigación inicial, nos centramos en analizar el funcionamiento discursivo de los tecnogéneros (publicaciones, hashtags, fotomontajes y vídeos), movilizados por colectivos de mujeres negras en la web 2.0, con el fin de resignificar las prácticas de agresiones discursivas de las que son objeto. En este trabajo, el objetivo principal es promover el diálogo entre las propuestas teóricas sobre la resignificación (Paveau, 2021; Paveau, Costa y Baronas, 2021) y de la revascularización discursiva (Baronas y Costa, 2022 y Baronas, 2024), trabajadas en articulación con el concepto de intercomprensión (Maingueneau, 1984/2008). A partir de un diálogo teórico entre los conceptos mencionados, analizamos cómo se construye la historia de la belleza negra en Brasil, realizando una comparación con la cuestión de la polémica racial fomentada en los discursos de odio en las redes sociales, tomando como horizonte de reflexión el tema de la «belleza de la mujer negra». A partir de estos análisis, buscamos comprender no solo cómo estas mujeres, que han sido silenciadas históricamente, resignifican las ofensas dirigidas contra ellas, sino también cómo determinados grupos reiteran los enunciados agresivos ya producidos anteriormente, reproduciendo un punto de vista racista y machista. Por último, esta investigación se alinea con las prácticas militantes de reparación y resistencia histórica que estos colectivos promueven en el ámbito digital.

Palabras clave: Belleza negra; Reinterpretación y revascularización discursivas; Intercomprensión; Ciberviolencia; Colectivos de mujeres negras.

ABSTRACT

This master's thesis is a continuation of a research project conducted with financial support from the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) in 2020, titled "Ora-Yê-Yê-Ô: or Black Beauty: From Discursive Re-signification to the Empowerment of Black Women." In that initial research, we focused on analyzing the discursive functioning of technogeneres (posts, hashtags, photomontages, and videos) mobilized by Black women's collectives on Web 2.0, with the aim of reframing the discursive aggression they face. In this work, the main objective is to promote dialogue between theoretical proposals on reframing (Paveau, 2021; Paveau, Costa, and Baronas, 2021) and discursive revascularization (Baronas and Costa, 2022; Baronas, 2024), developed in conjunction with the concept of intercomprehension (Maingueneau, 1984/2008). Based on a theoretical dialogue between the aforementioned concepts, we analyze how the history of Black beauty in Brazil is constructed, drawing a comparison with the issue of racial controversy fueled by hate speech on social media, using the theme of "Black women's beauty" as a framework for reflection. Based on these analyses, we seek to understand not only how these women, who have been historically silenced, reframe the offenses directed against them, but also how certain groups reiterate previously produced aggressive statements, reproducing a racist and sexist viewpoint. Finally, this research aligns with the militant practices of reparation and historical resistance that these collectives promote in the digital sphere.

Keywords: Black beauty; Discursive reinterpretation and revascularization; Intercomprehension; Cyberviolence; Black women's collectives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I- Das condições de produção: história social sobre a beleza negra...	15
Sobre o racismo estrutural.....	17
As princesas africanas.....	18
CAPÍTULO II- Dos fundamentos teórico-metodológicos.....	23
A polêmica como interincompreensão.....	23
Da polêmica como interincompreensão à resignificação.....	26
Da resignificação à revascularização discursiva.....	29
CAPÍTULO III- As princesas negras da Disney.....	39
“Uma princesa puxa a outra”.....	42
Fonte: Brandwatch – Query Beleza Negra.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

Permito-me falar do lugar da escrava, um lugar ancestral, entrelaçado em trajetórias de luta. Um lugar que não é só meu, mas de tantas que vieram antes e caminham ao meu lado. É nesse contexto histórico de opressão e silenciamento que me insiro nesta pesquisa. Contudo, permito-me enxergar desse lugar, mas não como uma posição de subserviência, e sim como um ponto de partida para a resistência. Ser mulher negra é caminhar por fios invisíveis, complexos e por vezes obscuros, que nos moldam desde a infância. A descoberta da diferença começa cedo, antes mesmo de entrar na sala de aula, no portão da escola, quando a cor da nossa pele revela um mundo que nos estranha. Mas é no primeiro episódio de racismo cotidiano que a dor se cristaliza, e com ela, a força para resistir.

Nesse sentido, compreende-se, a partir de Foucault (1976), que as relações de poder não operam de maneira unidirecional ou absoluta, mas constituem uma rede capilar de forças disseminadas no tecido social. Como afirma o autor, “onde há poder, há resistência”, sendo esta não uma exterioridade ao poder, mas uma condição imanente às suas próprias relações, o que permite compreender que os sujeitos não apenas são atravessados por discursos de dominação, mas também os tensionam, reapropriam e reconfiguram continuamente. Ao aprofundar essa perspectiva, é possível mobilizar a noção de dispositivo, para nos debruçarmos em compreender as relações raciais. Para o autor, o dispositivo consiste em uma rede heterogênea que articula discursos, instituições, práticas e saberes, operando estrategicamente na organização das relações de poder. Nesse sentido, o dispositivo não apenas regula condutas, mas produz subjetividades, definindo o que pode ser dito, visto e reconhecido em uma determinada formação social.

É nesse horizonte teórico que se insere a proposta de Carneiro, ao formular o conceito de *dispositivo de racialidade*, entendido como uma tecnologia de poder específica que estrutura as relações raciais no Brasil. Para a autora, a racialidade opera como um princípio organizador que produz hierarquias entre os sujeitos, historicamente posicionando a população negra em um lugar de subalternização e desumanização. Assim, a experiência da mulher negra, marcada historicamente por processos de silenciamento e violência simbólica, pode ser compreendida também

como um espaço de emergência de práticas discursivas de resistência, nas quais a linguagem não apenas reproduz o mundo social, mas o reconfigura.

Sempre me vi confrontada pelos padrões hegemônicos de beleza que permeiam a sociedade brasileira. Minha experiência pessoal, marcada por constantes questionamentos sobre a aceitação do meu cabelo crespo e da tonalidade da minha pele, não apenas moldaram a minha percepção de identidade, mas também guiaram o meu interesse acadêmico em compreender os impactos dessas normativas, que se travestem de estéticas, mas que são na prática éticas, pois governam tanto a autoimagem quanto o empoderamento das mulheres negras.

Essa vivência pessoal, atrelada à minha formação acadêmica, permitiu-me adotar uma postura crítica ao investigar as representações da beleza negra e os mecanismos de resistência que emergem no cotidiano dessas mulheres, servindo como bandeira de luta, empoderamento e ferramenta de reparação histórica. Com base nessa percepção, eu me insiro nesta pesquisa não apenas como observadora, mas como uma das vozes que desafiam as construções raciais que ainda permeiam as discussões estéticas e, notadamente éticas no Brasil. Nesse sentido, retomo a noção de lugar de fala, uma vez que “o lugar de fala não se refere a uma questão de experiência individual, mas à posição social que os sujeitos ocupam nas estruturas de poder” (RIBEIRO, 2017, p. 64). Destarte, ressoo o grito ancestral que ecoa em cada mulher negra que luta por sua representatividade.

Esta pesquisa não é apenas uma análise, é um manifesto ao refletir sobre a constituição e discursivização do corpo negro em território histórico e simbólico perpassado pelas relações de poder com o objetivo de analisar um conjunto de comentários oriundos de campanhas publicitárias destinadas à valorização da beleza e autoestima das mulheres negras, especificamente quando se trata do cabelo crespo.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Fanon (2008) evidencia como o corpo negro é constantemente atravessado por um olhar que o constitui a partir da alteridade e da inferiorização, produzindo marcas psíquicas e sociais que incidem diretamente sobre a forma como o sujeito se percebe e é percebido ao todo, em sua subjetividade, assim como também na corporalidade racializada. Logo, a partir da análise dos discursos digitais (Paveau, 2017/2021) que circulam na web, é possível observar quais os efeitos de sentido produzidos nos movimentos de retomada discursiva, como ocorre na polêmica por interincompreensão, assim como também nas ressignificação e revascularização discursivas. Com efeito, é possível compreender como os coletivos de

mulheres negras quando ofendidas na *web* se utilizam dos mais variados recursos tecnodiscursivos (posts, hashtags, memes, fotomontagens e vídeos, por exemplo) para subverter tais insultos ao seu favor e/ou em direção aos seus insultores, constituindo a partir daí práticas discursivas militantes de resistência ou como sabiamente nos dizia Foucault (1977) práticas de contra-conduta.

Ainda nesse percurso, emerge também a noção de retorno ancestral — não como deslocamento linear ou geográfico, mas como movimento simbólico, histórico e afetivo. É nesse sentido que a experiência desta pesquisa se amplia para além das fronteiras nacionais, configurando-se como uma travessia entre o Atlântico e o Índico, articulando memórias, territorialidades e epistemologias negras em circulação. Dessa forma, ao me deslocar entre diferentes espaços geográficos e simbólicos, compreendo que também a pesquisa se desloca: ela não se limita a um território fixo, mas se constrói no entrecruzamento de experiências, corpos e narrativas que tensionam as fronteiras do conhecimento.

Compondo a base da pirâmide social, a categoria veementemente nomeada "mulher negra" é um dos grupos mais subalternizados, não só no Brasil, mas em boa parte do mundo, devido a diversos fatores históricos, sociais, econômicos e políticos. De acordo com os dados mais recentes do Censo Demográfico de 2022¹ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira é constituída por 43,5% de pessoas que se declaram como brancas, 45,3% como pardas, 10,2% como pretas, 0,4% como amarelas e 0,8% como indígenas. Isso totaliza, no quesito racial, a soma de pardos e pretos como a maioria numérica no Brasil, correspondendo a 55,5% da população. As mulheres negras compõem grande parte da população brasileira, totalizando mais de 60 milhões de pessoas, o que representa 28,5% dos brasileiros. Estas coletividades são socialmente minorizadas devido ao próprio desenvolvimento histórico brasileiro, que se efetivou em torno do racismo, fenômeno que molda a estrutura da sociedade atualmente.

Pode-se traçar um paralelo entre a máscara de Flandres — uma espécie de mordaca adotada pela lógica colonial e utilizada durante o período de escravidão como fonte de tortura, com a finalidade de impedir que a população escravizada pudesse se comunicar ou sequer ingerir alimentos — com a categoria mulher negra,

¹<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>

a partir do conceito de “máscara do silenciamento”. Conforme Kilomba (2016, p. 5 *apud* Berth, 2019, p. 113), essa é “a máscara [que] não pode ser esquecida”. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real, que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos e que continua hoje a subalternizar a comunidade negra e, sobretudo, as mulheres a ela pertencentes.

Em relação mais direta ao tema desta dissertação de mestrado, todos esses processos históricos de dominação construíram como padrão a beleza eurocêntrica, que se tornou, e ainda persiste, símbolo primordial de estética, erigido e ratificado pelo olhar do colonizador. Desse modo, as práticas advindas do colonialismo fizeram com que a imagem da negritude, especificamente a imagem da mulher negra, fosse cada vez mais deturpada e silenciada, sobretudo no que concerne às suas características fenotípicas, como o seu cabelo, a cor de sua pele, seus traços faciais e corporais, além da sua linguagem. Sendo assim, apesar da beleza ser um assunto muitas vezes tratado com superficialidade, defendemos que ele abarca em si diversas questões historicamente importantes, talvez principalmente para as mulheres, estas que também sofrem a pressão do patriarcado e a determinação dos papéis sociais. Essa ideia é tratada em profundidade por Carneiro (2023), no livro *Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*,

Para refletir acerca da importância da estética enquanto instrumento político de empoderamento feminino negro e, em última instância, de empoderamento da negritude como um todo, pautamo-nos em Wolf (1992), com o intuito de contribuir com um olhar sobre a beleza enquanto qualidade essencial que estimulou o processo de competição e de rivalidade feminina, além de ser poderosa arma colonizadora não só dos corpos, assim como também dos discursos, como veremos.

Diante disso, justifica-se a importância desta dissertação para o campo dos estudos linguísticos e discursivos como uma maneira de documentar e analisar modos de produção de saberes de empoderamento e resistência que circulam nas redes sociais destinados à valorização da autoestima das mulheres negras, incorporando-se no âmbito de letramentos digitais e identitários, trazendo um recorte de gênero e raça que ainda é escasso na análise do discurso de linha francesa. Além disso, consideramos fundamental o desenvolvimento da pesquisa nesta circunstância, visto que em 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da República com 55% dos votos, o que acabou incitando a propagação de violência e de discursos de

ódio, de modo que refletiu significativamente no aumento e exposição de posicionamentos preconceituosos.

Metodologicamente, pensando no contexto de proliferação dos discursos de ódio, foi necessário perguntar-se em que ambientes esses discursos estariam circulando, de modo que traçamos um olhar para a web 2.0, considerando os pequenos corpora discursivos (Moirand, 2028/2020) como materiais relevantes para composição da análise. Com a revolução tecnológica, essa também é uma maneira de refletir sobre a realidade que nos encontramos, capturando discursos que circulam nas redes sociais em um dado momento mas que podem desaparecer futuramente. Os instantes discursivos são momentos específicos dentro de um discurso, onde a interação e a produção de significado ocorrem. Esses instantes serão analisados para entender como a linguagem é usada para construir sentidos, relações sociais e a formação de identidades. Para tal, foram avaliadas um conjunto de campanhas publicitárias, da marca Seda e Natura, com o objetivo de dar visibilidade para as mulheres negras, especificamente para o cabelo crespo. As análises incidiram majoritariamente sobre comentários de mulheres em conteúdos das campanhas nas redes sociais.

Para dar conta essa análise, o primeiro capítulo, intitulado "Teórico-metodológico", mobilizamos os conceitos (Interincompreensão; ressignificação e revascularização discursivas) necessários para discutir como a estética, antes utilizada como ferramenta de exclusão, se transforma em um espaço de resistência e afirmação identitária.

O segundo capítulo traça uma análise histórica sobre a construção da beleza negra, destacando os impactos do colonialismo e do racismo estrutural na desvalorização de traços fenotípicos negros. Explora as resistências históricas das mulheres negras, que desafiaram e reconfiguraram os padrões estéticos, reafirmando suas identidades e promovendo transformações sociais.

Por fim, o terceiro capítulo realiza uma análise discursiva das representações de princesas da Disney, com ênfase na perpetuação de padrões de beleza eurocêntricos. Examina ainda as tentativas de inclusão da diversidade racial e cultural nas narrativas dessas personagens, avaliando suas contribuições e limitações para a construção de novas representações estéticas e sociais.

As considerações finais retomam os principais pontos abordados ao longo da dissertação, reforçando a importância de se repensar a estética como um instrumento de resistência e empoderamento para mulheres negras. Concluimos com reflexões sobre as possibilidades de superação dos padrões eurocêntricos e o papel das representações culturais na promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

CAPÍTULO I- Das condições de produção: história social sobre a beleza negra

A literatura sobre beleza negra aborda a construção social da beleza, com foco na experiência negra, desconstruindo padrões eurocêntricos e celebrando a diversidade estética. A África é a porção continental mais antiga do planeta, possui vasta extensão territorial, de aproximadamente 30.370.000 km², que equivale a 22% da superfície da terra. Devido à sua geomorfologia, a plataforma continental africana foi a primeira a se desprender da superfície original do planeta, o que acarretou o fenômeno de Hominização — o processo evolutivo que conduziu, a partir de um primata ainda desconhecido, à forma atual do homem, tanto física, quanto intelectualmente. O homínido mais antigo conhecido, e que possui evidência anatômica diagnóstica suficiente, era o *Australopithecus afarensis*, ou como mais conhecido popularmente, Lucy². Estes fósseis foram achados na Etiópia, Tanzânia, e Quênia, sendo a maioria datada entre 2.9 e 3.9 milhões de anos. Sendo assim, pode-se dizer que o ponto de evolução da espécie humana está assentado no continente africano.

Partindo desse aspecto, sabe-se que a África, como berço da humanidade, também é a matriz de sistemas sociais, culturais e políticos que moldaram a organização das comunidades humanas. Entre esses sistemas, destacam-se os modelos de sucessão e liderança que, em muitas sociedades africanas, conferiram papel central às mulheres. Em diversas culturas africanas, a linhagem matrilinear e os sistemas de sucessão que valorizam a ancestralidade feminina reforçam a importância da mulher como guardiã da continuidade do grupo, tanto no aspecto biológico quanto no simbólico.

Esses sistemas de sucessão matrilinear reconhecem as mulheres até hoje — Entre os casos mais conhecidos estão os povos Akan e Ashanti de Gana e da Costa do Marfim, onde a instituição da Rainha-Mãe (Ohemaa) segue ativa e influencia decisões

² Sabe-se que era do sexo feminino e tinha aproximadamente 20 anos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucy_\(f%C3%B3ssil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucy_(f%C3%B3ssil)). Acesso em: 12 jul. 2024.

políticas, incluindo a escolha do rei. Em comunidades Chewa e Bemba (Maláui, Zâmbia e região), assim como entre alguns grupos Makhuwa de Moçambique — não apenas como procriadoras, mas também como líderes, conselheiras e mediadoras espirituais, atribuindo-lhes um papel crucial na estruturação das comunidades. Essa valorização da mulher negra, presente em muitas tradições africanas, contrasta com os processos de desumanização e subjugação enfrentados durante a colonização e a diáspora africana, quando a estética, o intelecto e o poder feminino foram desvalorizados.

Oficialmente, o tráfico negreiro se iniciou em 1550. No final do século XVI os escravos constituíam a maioria da população da nova colônia portuguesa. Nesse contexto, as mulheres negras foram colocadas em uma posição de extrema vulnerabilidade, sendo exploradas tanto como força de trabalho quanto como objetos de reprodução e controle social. A lógica colonial não apenas desumanizou seus corpos, mas também desarticulou os sistemas sociais africanos que as valorizavam como líderes e guardiãs culturais.

Na colônia, a mulher negra passou a ser vista de maneira instrumentalizada: sua força física era explorada nos campos e nas casas-grandes, enquanto sua feminilidade era reduzida à hipersexualização, justificando as violências que enfrentava. Além disso, o apagamento cultural imposto pelo sistema escravocrata buscou eliminar as práticas estéticas e simbólicas que conectavam essas mulheres às suas raízes africanas. A imposição de padrões eurocêntricos de beleza e comportamento reforçou a marginalização de suas identidades e estéticas.

Apesar disso, as mulheres negras resistiram de forma ativa, preservando elementos de suas culturas e tradições por meio de práticas como penteados trançados, cantos, danças e religiosidades afro-brasileiras. Essas expressões não apenas desafiavam a lógica opressora, mas também reafirmavam a importância de sua ancestralidade e o papel central que desempenhavam na construção das comunidades negras no Brasil colonial. A partir dessa resistência, é possível compreender como as mulheres negras mantiveram viva a memória de suas culturas, mesmo diante de um sistema que tentava apagá-las.

Quando pensamos em rainhas e reis ou princesas e príncipes, geralmente, a imagem que projetamos vem de uma visão que está relacionada à Europa, isso porque a

política do embranquecimento está segmentada em todas as esferas sociais, fazendo com que o memoricídio, ou seja, a cultura do esquecimento das vivências da população negra em todo o mundo seja descartada. No entanto, quando abordamos a África, podemos pensar no reflexo fascinante da diversidade cultural no continente, uma vez que foi cenário de diversos reinos e impérios, cada um com sua própria linhagem real, tradição e sistemas de governo.

Os sistemas de sucessão na realeza africana variavam amplamente, alguns reinos seguiam a linhagem denominada matrilinear, em que a sucessão passava pela linhagem da mãe, enquanto outros seguiam a linhagem patrilinear, passando pela linha do pai. Em alguns casos, a sucessão era determinada pela escolha do conselho real ou por meio de testes de aptidão, como demonstrações de coragem, força e habilidades.

Com o colonialismo europeu e o tráfico transatlântico de escravizados, os padrões de beleza africanos foram desvalorizados. A estética negra passou a ser associada à inferioridade. Conforme Gonzalez (2020), “O processo de colonização não se limitou à dominação política e econômica; ele operou de maneira profunda na constituição subjetiva dos povos, desvalorizando saberes, culturas e identidades africanas e indígenas, impondo um modelo eurocêntrico como única referência legítima.

Sobre o racismo estrutural

Durante a escravidão, os padrões da branquitude sempre foram exaltados. De acordo com Martins (2024, p.22), o branco bem intencionado segue sendo um indivíduo privilegiado, pois, por mais empenhado que possa vir a ser na luta antirracista, seguirá com seus privilégios, tanto simbólicos quanto materiais. Sendo assim, sabe-se que a branquitude sempre terá um local de prestígio no campo das relações raciais.

As características físicas dos negros eram frequentemente caricaturadas e ridicularizadas. Pós-escravidão, mulheres negras enfrentaram desafios ao tentar se adequar a um padrão de beleza que exaltava a brancura. Esse período viu o surgimento de práticas como o alisamento do cabelo e o uso de produtos clareadores de pele, muitas vezes como uma tentativa de assimilação e sobrevivência em uma sociedade racista.

A representatividade da beleza negra na mídia ainda é um campo de batalha. O cinema, a moda e a publicidade têm um papel crucial na definição do que é considerado belo. Tratando especificamente de produções no mundo do cinema, chama-se de Indústria cinematográfica o conjunto de empresas envolvidas nas diversas etapas de fabricação de produtos artísticos e técnicos de Cinema, vídeo e outros meios audiovisuais. Estas empresas são, entre outros, dos seguintes tipos: estúdios cinematográficos, produtoras de cinema e vídeo distribuidoras.

A Disney, fundada em 1923 por Walt Disney e Roy O. Disney, começou com curtas-metragens de animação e evoluiu para se tornar um dos maiores conglomerados de entretenimento do mundo. Desde sua fundação, a Disney produziu 62 filmes de animação. Em 2009, a Disney apresentou sua primeira princesa negra, Tiana, no filme "A Princesa e o Sapo". Isso marcou um momento significativo na história do estúdio, refletindo uma abordagem mais inclusiva em suas representações de personagens e narrativas.

A análise teórica da construção social da beleza e sua relação com a identidade da mulher negra envolve entender como os padrões de beleza foram historicamente moldados por influências eurocêtricas, muitas vezes marginalizando a estética negra. Visando o desdobramento teórico e analítico desta pesquisa, podemos observar algumas mudanças significativas em relação ao aumento da presença de mulheres negras em posições de destaque que tem ajudado a diversificar esses padrões.

As princesas africanas

Quando nos referimos às princesas no Brasil, o sistema imperial era fundamentalmente dinástico, com o principal enfoque de preparar as herdeiras para assumir o trono e garantir a continuidade da monarquia. Entre 1822 e 1889, as princesas tinham um papel político e social significativo, especialmente se fossem as primeiras na linha de sucessão. Há a estimativa de que houveram aproximadamente 30 princesas brasileiras na família imperial, mas nenhuma princesa negra, justamente pelas condições exploratórias e vexatórias destinadas às mulheres negras no período de escravização. Diferentemente do Brasil, em muitas sociedades africanas, as mulheres desempenharam papéis proeminentes na realeza. As rainhas-mães, por exemplo, eram frequentemente figuras de grande influência e respeito, exercendo

poder político e aconselhando os governantes masculinos. Em alguns casos, as mulheres também ascendiam ao trono como rainhas reinantes, constituindo a matéria-prima da organização social, dado que viabilizaram a constituição de novos reinados (famílias), garantindo a transição entre um antigo e um novo regime.

Substantivo feminino de etimologia francesa, *princessse* faz referência àquela que se casou com o filho de um rei, imperador ou soberano de um principado. A África deu ao mundo princesas famosas, como Nzinga, célebre por destravar conflito, Amina, entre outras.

A princesa Nzinga Mbandi nasceu em 1582, no *Ndongo*, filha do *ngola* com uma escravizada de origem ambundo³, seus pais eram Guenguela Cacombe e Angola Quilombo Quiacasenda. Ela foi considerada uma importante estrategista militar e política durante a presença portuguesa nas regiões correspondentes à atual Angola quando ocorreram os conflitos com os portugueses na região da África austral⁴ no século XVII.

Na Angola, um dos principais territórios colonizados por Portugal na África Austral, houveram vários conflitos entre os portugueses e os povos originários, como o Reino do Congo e o Reino de Ndongo, que resistiram à colonização portuguesa. Estes conflitos resultaram numa longa história de resistência e guerra colonial, que só terminou com a independência de Angola em 1975.



³ Ambundos é um grupo étnico banto que vive em Angola, na região que se estende da capital Luanda para Leste. A sua língua é o quimbundo. Os ambundos são o segundo maior grupo étnico angolano, representado cerca da quarta parte da população do país.

⁴ A África Austral, também chamada de África Meridional, é a parte sul de África, banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental. Normalmente considera-se a África Austral formada pelos seguintes países: África do Sul Angola Botswana Lesoto Madagáscar Malawi Maurícia Moçambique. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_Austral. Acesso em: 12 jul. 2024.

Imagem 1: Nzinga Mbandi

Fonte:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/nzinga-mbandi-2013-a-rainha-guerreira>

Ainda criança, Nzinga começou a ser treinada para o combate e o uso de armas, afinal, sempre demonstrou muita personalidade e questionava o seu pai sobre o porquê não poderia ser preparada para a guerra também. Com oito anos de idade, acompanhou o séquito do pai, em uma batalha, como parte dos exercícios de guerra. Com a morte do pai, em 1617, seu irmão Mbandi tornou-se ngola ascendendo ao trono de Ndongo. Nzinga travou grandes batalhas e tratados de aliança e paz com os portugueses, na qual envolvia a vassalagem dos reinos nativos africanos e escravidão dos mesmos para a Europa e o Brasil. Nzinga a Mbande, rainha do *Ndongo* e do *Matamba*, é símbolo da resistência ao colonialismo português.

Na Netflix, a minissérie “Rainhas Africanas: Nzinga”, de 2023, mobiliza o gênero discursivo documentário, onde a história de Nzinga é narrada através de uma dramatização vivida pela atriz Jada Pinkett Smith. Nzinga é símbolo de força, poder e representatividade negra, fomentando a importância das princesas reais no contexto africano.

Imagem 2: Amina



Fonte: <https://historiablog.org/2023/06/01/amina-de-zaria-a-rainha-guerreira/>

Amina, também conhecida como Aminatu, foi uma princesa e rainha guerreira do século XVI no reino de Zazzau, atualmente Zaria, no norte da Nigéria. Ela é uma figura lendária na história da África Ocidental, lembrada por suas habilidades militares e políticas excepcionais. Amina nasceu por volta de 1533 em Zazzau, um dos reinos Hausa, filha do rei Nikatau e da rainha Bakwa Turunku. Desde jovem, Amina mostrou uma inclinação para a liderança e a guerra. Após a morte de seu irmão, Karama, ela assumiu o trono de Zazzau, destacando-se rapidamente por suas habilidades em batalha e iniciando a expansão do reino através de campanhas militares.

A rainha Amina é famosa por suas conquistas militares e pela expansão significativa do território de Zazzau. Ela liderou um exército que conquistou muitas cidades e regiões ao redor, consolidando seu poder e influência. Além das vitórias militares, Amina estabeleceu várias rotas comerciais e fortalezas, conhecidas como “ganuwar Amina” ou “muros de Amina”, para proteger suas conquistas e promover o comércio na região.

O legado de Amina é celebrado na cultura Hausa e em toda a Nigéria. Ela é frequentemente mencionada em canções, contos e peças teatrais, sendo lembrada como uma líder destemida e uma estrategista militar brilhante. Sua história inspira muitas mulheres na África e no mundo, simbolizando força, liderança e a capacidade de quebrar barreiras de gênero. A morte de Amina não é claramente documentada, mas acredita-se que ela tenha morrido em batalha ou pouco depois de uma de suas campanhas militares, por volta de 1610. Sua importância cultural é inegável, sendo vista como um símbolo de empoderamento feminino devido à sua habilidade de liderar um exército e governar um grande reino. As muralhas e fortalezas que ela construiu ainda são visíveis em algumas áreas do norte da Nigéria, marcando sua presença histórica e importância estratégica. Sua vida e feitos são passados através de gerações por meio de histórias orais, destacando sua relevância na cultura e história Hausa. A história de Amina de Zazzau destaca a capacidade e a força das mulheres líderes na história africana, desafiando muitas das normas e expectativas de gênero de seu tempo.

Fazendo um paralelo com as atualidades no mundo da cultura hip hop brasileira, em 2025, o sucesso “Amina”, das gêmeas Tasha e Tracie tornou-se um

destaque de visualizações. Filhas de mãe brasileira e pai nigeriano, Tasha e Tracie, de 30 anos, cresceram na favela do Jardim Peri, na Zona Norte de São Paulo. Elas iniciaram sua carreira na moda, customizando roupas de brechó para expressar sua identidade, o que as levou a criar o blog "Expensive Shit" em 2014 e posteriormente se tornarem referências de moda para mulheres negras, envolvidas em diversas collabs.

As artistas independentes fazem parte do estúdio Ehxis, fundado pela própria Tasha. As letras de rap produzidas por Tasha e Tracie fazem alusões a cunho social e político, retratando de forma autêntica as vivências da periferia e o empoderamento feminino negro. Outras canções das artistas também viralizam, incluindo feats com outras cantoras negras influentes, como por exemplo Ludmilla, Karol Conká e Mc Soffia. As gêmeas também são embaixadoras da linha Seda Boom, com enfoque na valorização e cuidado com cabelos crespos e cacheados.



CAPÍTULO II- Dos fundamentos teórico-metodológicos

O presente trabalho de dissertação de mestrado inscreve-se no campo dos Estudos Discursivos, mais especificamente no âmbito da Análise do discurso de base enunciativa. Essa abordagem do discurso emerge no contexto francês em meados dos anos 80 do século passado, não só, mas notadamente com os trabalhos de Dominique Maingueneau. Esse outro modo de compreender o discurso está no escopo do que os estudiosos da historiografia dos estudos discursivos designam como *virada pragmática* da Análise do discurso e tem pelo menos na sua gênese, forte influência dos trabalhos dos filósofos da linguagem Austin (1962) e Searle (1969).

Se antes a preocupação dos discursivistas, principalmente os ligados a Michel Pêcheux, a partir de releituras de Althusser, Saussure e Lacan, era com as relações umbilicais entre língua, sujeito, ideologia e inconsciente, com o advento da *virada pragmática* categorias enunciativas outrora pensadas por Benveniste (1966) como sujeito, tempo e espaço na sua relação com a polêmica como interincompreensão, semântica global e os dispositivos comunicacionais (cenos englobantes, cenos genéricas e cenografias), se constitui no principal objeto de discussão dos discursivistas.

Ademais, a presente pesquisa também busca subsídios na Análise do discurso digital, perquirida pela pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau (2017/2021). Entendemos que a mobilização da Análise do discurso digital não está em oposição epistemológica às propostas de Dominique Maingueneau, visto que essas duas visadas discursivas, cada uma a seu modo, têm na enunciação o seu foco principal.

A polêmica como interincompreensão

Começamos apresentando o conceito de polêmica como interincompreensão, formulado inicialmente por Dominique Maingueneau no seu livro *Sémantique de la polémique: discours religieux et ruptures idéologiques au XVIIIe siècle*, publicado em 1983 e, depois republicado em uma versão *modificada* no livro *Genèse du discours*, em 1984⁵.

⁵ A tradução brasileira deste livro foi realizada por Sírío Possenti e publicada inicialmente pela Editora Criar Edições de Curitiba em 2005 e depois republicada pela Parábola Editorial em 2008.

O conceito de polêmica como interincompreensão é a quarta hipótese de um total de sete apresentadas por Dominique Maingueneau, no seu livro *Gênese dos discursos*⁶, para dar conta dos discursos religiosos dos jansenistas e dos humanistas devotos. Segundo Vilela-Arderghi e Baronas (2023, p.11)

Muito se diz entre os analistas do discurso brasileiros que esse livro [*Gênese dos discursos*] de Dominique Maingueneau seria a sua primeira incursão de maior fôlego epistemológico, uma vez que, formula um conjunto consistente de conceitos, que podem servir para a análise do funcionamento discursivo de outros tipos de discurso, que não apenas o religioso, objeto de discussão no *Gênese dos discursos*. Na verdade, esse fazer epistemológico do autor francês já estava presente alhures, ou seja, em *Sémantique de la polémique: discours religieux et ruptures idéologiques au XVIIe siècle*⁷. Livro a partir do qual *Gênese dos discursos* foi elaborado.

No que concerne à hipótese em questão, Maingueneau discute o processo de interincompreensão regrada, que gerencia a relação entre discursos antagonistas. Nesse processo de interincompreensão, tem fundamental importância a noção de simulacro⁸, uma espécie de tradução pejorativa do discurso primeiro operada pelo discurso segundo, a partir das restrições semânticas de uma determinada formação discursiva. Em outras palavras, a tradução pejorativa não se dá aleatoriamente, mas segue a orientação da semântica global do discurso agente na tradução do discurso paciente.

Nesse sentido, o discurso primeiro só é capaz de compreender o discurso segundo a partir de simulacros, ou seja, a tradução dos valores do discurso segundo com base nas categorias de análise do discurso primeiro. Frente ao seu antagonista, o discurso tem a possibilidade de preteri-lo totalmente por meio da “polêmica simples” ou de tentar co-existir e incorporá-lo em sua grade semântica através da integração do “discurso outro”.

⁶ Para além da leitura do referido livro sugere-se a leitura da resenha elaborada por Ana Raquel Motta, publicada em 2008, na Revista Delta. Disponível em <https://www.scielo.br/j/delta/a/3nrbrX3MK36KHtZRY7DF4y/?format=pdf&lang=pt>

⁷ Até o presente momento ainda não foi publicada uma tradução brasileira deste livro, que é o resultado da Tese de Doutorado de Dominique Maingueneau, defendida sob a orientação de Michel Arrivé, na Université de Paris X - Nanterre em 1979.

⁸ Maingueneau não faz uma discussão muito aprofundada sobre a noção de simulacro. Todavia, definitivamente ela não se resume ao seu sentido literal, apresentado nos dicionários: “o que só parece ser o que diz ser.” Ver definição em [simulacre - Définitions, synonymes, conjugaison, exemples | Dico en ligne Le Robert](#)

Com efeito, ao se debruçar sobre o discurso religioso, Maingueneau mostra que o discurso jansenista por conta das características semânticas da sua formação discursiva se opõe frontalmente ao discurso humanista devoto, excluindo-o totalmente. Este último por sua vez, também dadas as características semânticas da sua formação discursiva, tenderia a co-existir e a incorporar o discurso jansenista, desde que esse discurso incorporasse a possibilidade de ser mais uma opção de devoção religiosa. Fato que não ocorre, pois os jansenistas recusam totalmente os valores do discurso humanista devoto.

A polêmica com interincompreensão e um de seus mais caros destilados, o conceito de simulacro, é uma dessas ideias-força que podem iluminar análises discursivas de objetos muito distintos dos quais Maingueneau mobilizou⁹. De acordo com Dominique Maingueneau (1995), as condições de produção e funcionamento discursivo de um enunciado se dão através de semas linguísticos: os positivos e os negativos. Esses processos incidem no aparelho linguístico no sentido de atribuir significação às frases, fazendo com que haja compreensão a partir da linguagem humana. Nesse sentido, o autor afirma que, para que um discurso seja constituído ele

[...] não pode interpretar-se a si mesmo, a não ser no modo inefável da coincidência com sua própria competência ou produzindo dele glosas que decorrem dessa mesma competência, que são por sua vez passíveis de uma tradução semântica pelo Outro (Maingueneau, 1995, p. X).

Com isso, cada posicionamento discursivo se insere em uma determinada formação discursiva que está diretamente relacionada com a ideologia que delimita o caráter pessoal de um enunciador. Conforme aponta Michel Pêcheux (1995), a formação discursiva é definida como

⁹ Possenti analisa discursivamente um conjunto de piadas notadamente as de gaúchos e as de loiras e a partir dessa análise propõe uma noção de simulacro alinhando-a a de estereótipo, que é distinta da proposta por Maingueneau. “Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo / negativo (e que se especifica, por exemplo, em “macho / veado”, “bobo, caipira / esperto”), etc. Assim, considerando-se a hipótese deste trabalho, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente, etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço “macheza / masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade, etc.), o estereótipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço “sexualidade”, E neste sentido que se pode dizer que estereótipo talvez seja um simulacro” (POSSENTI, 1998, p.13).

aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) (Pêcheux, 1995, p. 160).

Na esteira desse escopo teórico, podemos pensar na polêmica como uma forma de interincompreensão discursiva. A palavra polêmica deriva do grego “polemikê”; pelo francês “polémique”, com o sentido de debate, disputa e discussão que geram divergência. Maingueneau (1995) salienta que:

No nível em que nos situamos, a noção de ‘polêmica’ não coincide com o que habitualmente entendemos por isso (uma controvérsia violenta), que é apenas um dos aspectos do fenômeno mais geral, o das relações explícitas entre duas formações discursivas (Maingueneau, 1995, p. 107).

Em relação mais direta com o tema da pesquisa, consideramos a noção de polêmica fundamental para as análises do percurso gerativo de sentido atribuído aos coletivos de mulheres negras. A polêmica é gerada a partir de uma ofensa que conseqüentemente é ressignificada e passa por um processo de reformulação linguística como forma de defesa de uma identidade ou grupo minorizado. Com isso, conclui-se que:

[...] a polêmica é necessária porque, sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade do discurso correria o risco de se desfazer (Maingueneau, 1995, p.113).

A colocação em diálogo das categorias de polêmica como interincompreensão e a de ressignificação embora gestadas a partir de dados distintos, a primeira com base nos discursos religiosos devotos dos jansenistas e dos humanistas e a segunda a partir de contra-discursos engendrados no ambiente digital como uma tentativa de resposta à ofensas, se justifica em razão de os discursos ofensivos se darem sempre numa relação assimétrica, ou seja, os locutores produzem os seus discursos de lugares que estão em níveis enunciativos distintos.

Da polêmica como interincompreensão à ressignificação

A análise do discurso aborda as diferentes manifestações que um discurso pode conter em sua totalidade, para isso, é necessário compreender como se dão os processos argumentativos de manifestação política e social em relação a

determinados discursos, nos quais incitam ódio às mulheres negras. Com isso, surge o conceito de resignificação discursiva, situada na perspectiva de análise de discursos nativos produzidos em dispositivos técnicos.

A resignificação discursiva surge como uma proposta de (re)semantização e recontextualização de enunciados ofensivos, trazendo um efeito reparador, de luta, resistência e militância. Inicialmente, de acordo com Paveau (2019), é possível observar a resignificação a partir de três categorias: recontextualização enunciativa, publicação analógica e produção de um dispositivo cultural. A resignificação está relacionada ao processo de circulação discursiva e tem como base o campo dos estudos de gênero, no qual pesquisas como as de Haraway (2007) possibilitaram a criação de uma metáfora do renascimento, recorrendo a imagem de uma salamandra (anfíbio caracterizado por membros curtos, corpo delgado e aparência de lagarto), justamente pelo fato dos seus membros se regenerarem após a perda em algum ferimento, tendo suas funções restauradas. Esta prática biológica é interpretada pela Linguística como metáfora que é o fundamento do conceito de resignificação, conforme proposto por Paveau (2019). Além disso, pensadoras feministas como Butler (2017) também refletem acerca desse processo, mas sem promover de fato uma teorização de cunho mais científico a partir do campo das ciências da linguagem. O conceito de resignificação tem, portanto, suas origens também em Butler quando ela afirma que, “o sujeito se reapropria de um termo ofensivo a partir de uma 'ferida linguística' e o devolve contra fonte enunciativa ofensiva num ato de linguagem que produz um poder de ação linguístico” (Butler, 2017 *apud* Paveau, 2019, p. 2). Dessa perspectiva, o poder de ação linguístico está relacionado com a “sobrevivência linguística” do enunciado, que é ele mesmo resignificado, isto é, há inversão dos valores axiológicos nele investidos, porém mantendo a mesma estrutura significante. Assim, a resignificação, conforme Paveau (2019) pode ser pensada como um processo dividido em quatro etapas: a) ferida linguística, b) reapropriação, c) inversão, d) produção da ação.

No livro *resignificação em contexto digital* (2021), Paveau define a resignificação a partir dessas características. A resignificação se enquadra teoricamente em um processo não só languageiro, pois se apropria de um código de linguagem (uso de palavras e expressões) para se relacionar, mas também linguístico, porque fundamenta-se em ambientes linguísticos no qual o sujeito da ação se insere a

partir da sua contextualização material; e político, porque o sujeitos agredido com aquilo que lhe foi atribuído, produz a partir da ofensa uma resposta inovadora. Para Butler (2017), enxergar o caráter metadiscursivo e metapolítico da ressignificação é o mais importante, pois a ressignificação é um processo de revolução que acaba possibilitando determinada mudança histórica. No campo dos estudos linguísticos, a noção de ressignificação aparece em alguns trabalhos, mas nunca é mencionada como um processo teórico que possibilita uma mudança não só semântica, mas sobretudo política. Da perspectiva dos estudos discursivos, Paveau (2019) teorizou a noção de ressignificação, que tem papel fundamental para os militanismos de gênero, uma vez que permite traçar o percurso de uma violência discursiva, da origem ao alvo e, sobretudo, sua trajetória inversa de resposta. No campo dos estudos feministas, o processo de ressignificação é descrito como uma recuperação linguística para retratar o modo de reapropriação dos discursos ofensivos dirigidos às mulheres, transformando-os em algo eficiente para elas. A ressignificação é um processo importante mobilizado pelas mulheres como ferramenta de luta, militância e resistência. Na esteira dos trabalhos anteriormente mencionados, podemos afirmar que “a ressignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas” (PAVEAU, 2019, p. 13).

Para a pesquisadora francesa, a ressignificação pode ser descrita como um processo discursivo a partir de sete critérios linguísticos-(tenco)discursivos:

- (1) critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo,
- (2) critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida,
- (3) critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização,
- (4) critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica,
- (5) critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos"
- (6) critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e

reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

(7) critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010).

Esta pesquisa está, portanto, teoricamente fundamentada também nas propostas da pesquisadora, tanto para uma análise do discurso digital (Paveau, 2017) enquanto ecossistema no qual os sujeitos, seus discursos e suas identidades circulam; quanto para uma reflexão com base no conceito de ressignificação (Paveau, 2019), como processo linguístico-discursivo mobilizado pelos militanismos feministas em defesa on-line da identidade própria, mas sobretudo na defesa de determinada coletividade.

Da ressignificação à revascularização discursiva

É preciso levar em consideração, contudo, que nem todas as práticas discursivas ressignificantes têm no seu horizonte ético se apresentar como o porta-voz de um determinado coletivo. Nesse sentido é que inicialmente Baronas e Costa (2023) e depois Baronas (2024) propõem a categoria de revascularização discursiva. Para este autor

a necessidade de se pensar uma categoria distinta da proposta por Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b, 2020 e 2021), irrompe como uma tentativa de dar conta de questões como as mobilizadas a partir do gesto de *respostência*, produzido pelo jogador Edenílson em partida do campeonato brasileiro em que fora agredido pelo lateral do Corinthians Rafael Ramos. Com efeito, propomos a categoria de revascularização discursiva: um gesto de resposta/resistência – *respostência* – produzido por um sujeito a partir de uma ofensa que lhe foi desferida por um ator individual ou mesmo institucional, sem que o componente pragmático-político coletivo – uma bandeira de luta em prol de um coletivo, incorporado por um porta-voz autorizado ou não – esteja explícito. Um breve cotejamento entre o *post* do perfil @vhsfranco (em que o autor enaltece esportistas pretos) e o do jogador Edenílson nos parece lapidar das diferenças entre a ressignificação discursiva e a revascularização discursiva. No caso do primeiro *post*, em que está escrito “Deixa eu devolver o orgulho do gueto e dar outro sentido pra frase: tinha que ser preto!”, o componente pragmático político coletivo é explícito. Dito de outro modo, o perfil @vhsfranco embora também se sinta ofendido com a expressão racista “tinha de ser preto” assume o papel, muito provavelmente por conta de suas vivências como pessoa preta, de porta-voz dos pretos. Já no

post do jogador Edenílson não, visto que o seu gesto de *respostência*, mesmo sendo uma pessoa preta, não se dá a partir de figura de um porta-voz da comunidade dos pretos, visto que ele não se atribui esse lugar de fala, mas como um sujeito que busca abrir espaços enunciativos para os pretos. Não à toa que na foto de perfil, sua boca aparece pressionada por duas mãos marcadamente brancas, evidenciando que essas mãos estão calando a sua boca. Com isso não estamos negando nem o caráter individual da *respostência* de @vhsfranco e muito menos o caráter coletivo da *respostência* do jogador Edenílson. Nossa questão de fundo é epistemológica. Em outros termos, não dá para “enquadrar” todas as *respostências* dos sujeitos ofendidos enquanto ressignificação e muito menos as injúrias como revascularização. É preciso levar em consideração elementos que transitam marcadamente numa via de mão dupla da organização linguística para a ordem discursiva e tecnodiscursiva.

A categoria de revascularização discursiva busca então dar conta de gestos individuais tecnodiscursivos que buscam responder ofensas que são desferidas pelos locutores. Como dissemos ancorados em Baronas (2024), o componente coletivo embora possa ser recuperado interdiscursivamente não é o objetivo primeiro do enunciador.

Segundo Maingueneau, "O discurso é uma prática social de linguagem que não pode ser reduzida a uma combinação de frases: ela está ligada às condições de produção determinadas por instituições, lugares sociais e gêneros discursivos que regulam os modos de dizer." Assim, o discurso não é apenas expressão, mas também um espaço de embate ideológico e reprodução de significados, onde a memória discursiva e o pré-construído desempenham papéis fundamentais na determinação do que pode ser dito e compreendido em um dado contexto.

A memória, por sua vez, também faz parte das condições de produção do discurso no seu sentido mais amplo. Quando pensada em relação ao discurso, a memória discursiva pode ser vista como interdiscurso. Tal concepção implicaria que a memória se constrói também a partir de instrumentos de natureza cognitiva, não estando somente no âmbito da história, do inconsciente, mas também distribuída no ambiente. É nesse sentido que se pode afirmar que o interdiscurso está no plano da memória (o conjunto do dizível) que constitui o discurso.

É na materialidade da língua que o discurso se inscreve. Nesse sentido, o interdiscurso ocupa um lugar central, pois remete ao já-dito que constitui a base sobre a qual novos enunciados são construídos. O primado do interdiscurso destaca que nenhum discurso é autônomo; ele sempre dialoga com outros discursos que o antecedem ou o atravessam, moldando sentidos e relações de poder.

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

No nível das condições de possibilidades semânticas, o interdiscurso pode ser entendido como o conjunto do dizível, determinado histórica e linguisticamente. Segundo Pêcheux (1997), essa perspectiva evidencia que "sempre já há discurso", ou seja, que o enunciável antecede e transcende o sujeito enunciator, sendo resultado de enunciações anteriores que compõem a memória discursiva. Complementando essa visão, Orlandi afirma que

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso. (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Em meio à tecnologia mundial, pode-se observar que as linhas teóricas da Análise do Discurso passaram e ainda passam por constante evolução. A Análise do Discurso Digital (ADD), pensada a partir do pós-dualismo, propõe que os discursos não podem ser analisados separadamente dos meios tecnológicos que os produzem. Aplicativos, plataformas, algoritmos e interfaces não são apenas "suportes" para o discurso, mas elementos ativos na produção dos enunciados. Essa perspectiva também

questiona o logocentrismo (a centralidade exclusiva da linguagem) e propõe uma visão simétrica, onde o linguístico e o tecnológico operam juntos na construção dos sentidos.

Os discursos que circulam em espaços digitais se tornaram fonte de estudos para diferentes tipos de análises e Paveau (2019), linguista francesa precursora dos conceitos mencionados anteriormente, baseia-se em uma proposta ecológica da análise do discurso digital e a define como:

Um olhar para “o funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados.” (p.57)

Por elementos languageiros entendemos tanto nossos dispositivos tecnológicos, como smartphones e notebooks, quanto as ferramentas digitais, como sites, aplicativos e redes sociais. A análise do discurso digital cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos¹⁰ da internet. Os discursos digitais nativos apresentam seis características:

1. Composição:	Os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne o languageiro, o tecnológico que têm natureza informática, de uma forma manifesta (hashtags) ou não manifesta (tecnodiscursos on-line que dependem de programas informáticos), podendo também ser plurissemióticos (são aqueles que utilizam diferentes modos de representação: imagens, sons e textos escritos) para transmitir uma mensagem;
2. Deslinearização:	Os discursos digitais nativos podem atravessar um fio de discurso específico e podem se desprender desta ligação através de hiperlinks ou da relação com outras situações de enunciação;
3. Ampliação:	Os discursos digitais nativos revelam uma enunciação ampliada devido à conversacionalidade da web social (como por exemplo comentários em publicações) ou de ferramentas de escrita colaborativa num espaço enunciativo único;

¹⁰ Chamamos de nativas as produções elaboradas online, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet.

4. Relacionalidade:	Os discursos relacionam-se com outros discursos pelo encadeamento ideológico da web 2.0, que é de fato uma web social, participativa;
5. Investigabilidade:	Os discursos digitais são passíveis de investigação, ou seja, é possível localizá-los e coletá-los
6. Imprevisibilidade:	Os discursos digitais nativos são produzidos e formatados por programas e algoritmos, o que os tornam imprevisíveis em ambiente discursivo pela sua capacidade de transformação nos lugares enunciativos, tanto pela sua forma característica, quanto pelo seu conteúdo.

Diante dessas características dos discursos digitais nativos, torna-se necessário compreender de que maneira essas especificidades dialogam com as noções de gêneros discursivos. Afinal, se os discursos são organizados a partir de determinadas regularidades e condições de produção, como essas dinâmicas se manifestam no ambiente digital? Nesse sentido, a definição de gênero discursivo proposta por Maingueneau oferece um referencial teórico para essa discussão:

Os gêneros do discurso baseiam-se em critérios situacionais tais como o papel dos participantes, o objetivo, o médium, a organização textual, o tempo e o lugar etc. Gêneros são considerados dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando. Por algumas décadas, particularmente sob a influência da etnografia da comunicação e das ideias de Bakhtin, a categoria de gênero do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos em sociedade. (MAINGUENEAU, 2010, p.130)

À medida em que os enunciados produzidos circulam em ambiente digital, organizam-se a partir de critérios situacionais, como por exemplo, os objetivos comunicacionais e as especificidades do meio. Os gêneros discursivos são produtos de construções sócio-históricas e encontram-se em constante transformação, refletindo as dinâmicas interacionais próprias das comunidades discursivas que os sustentam.

Propomo-nos a trazer uma definição inicial de gêneros do discurso para contextualizar o nosso elemento principal: o tecnogênero: Definiremos o tecnogênero como um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do languageiro e tecnológico. O tecnogênero de discurso é, portanto,

caracterizado ou influenciado pela dimensão tecnológica, o que confere a ele um funcionamento específico e propriedades distintas.

Diante da influência crescente da tecnologia na constituição dos gêneros discursivos, o tecnogênero evidencia como os discursos digitais são moldados por elementos linguísticos e tecnológicos. No entanto, essa interseção também abre espaço para novas formas de interação marcadas por conflitos e assimetrias de poder. Um dos fenômenos que emergem nesse contexto é a ciberviolência, termo que engloba práticas discursivas hostis no ambiente digital, afetando indivíduos e grupos de diferentes maneiras. Para compreender esse fenômeno, é fundamental analisar suas características, manifestações e impactos dentro do espaço virtual.

Ciberviolência discursiva

Na web, quando trata-se de relações sociais, a mediação do certo e errado está baseada nos posicionamentos discursivos digitais modulados pelas formações discursivas que delimitam e constituem a ideologia de cada sujeito, isso online e off-line. Por conseguinte, os acontecimentos discursivos gerados através de ataque e agressão podem ser nomeados como ciberviolência.¹¹ Conforme aponta Paveau (2019), “a perspectiva da análise do discurso digital implica identificar o que é específico da transgressão de decência nos ecossistemas conectados”. (p.61)

Classificaremos as modalidades tecnodiscursivas responsáveis pela violência verbal que emergem na interseção entre as formas técnicas e os domínios semânticos da violência. Nessa perspectiva, elementos como comentários, status e tuítes serão compreendidos como funcionalidades técnicas, enquanto manifestações como sexismo e racismo serão consideradas domínios semânticos.

Durante os anos de 1980-1990, a evolução da terminologia cyber acompanhou o desenvolvimento da internet e das redes sociais, refletindo mudanças nos modos de comunicação, nas práticas sociais e nos desafios éticos e de segurança no ambiente digital. Além disso, a interseção entre linguagem e tecnologia evidencia como os

¹¹ Ciberviolência é o termo utilizado pelas organizações internacionais (ONU, por exemplo) por vários governos, entre os quais o francês, pela maior parte da mídia e por numerosos pesquisadores, em particular, nos domínios da educação, da psicologia social ou da sociologia.

discursos e as dinâmicas de poder se manifestam no ciberespaço, influenciando tanto a forma como nos relacionamos online, quanto as regulamentações e políticas digitais.

A terminologia *cyber* está diretamente ligada ao conceito de *cyberviolência*, que engloba práticas de agressão, intimidação e abuso no ambiente digital. Termos como *cyberbullying*, *discurso de ódio* e *doxing* exemplificam formas específicas de violência que ocorrem nas redes sociais, fóruns e outras plataformas online. A própria estrutura do ciberespaço, marcada pelo anonimato, pela disseminação rápida de informações e pela ausência de barreiras físicas, potencializa as dinâmicas agressivas. Além disso, a terminologia usada para descrever esse tipo de violência não é neutra: ela influencia a forma como compreendemos e combatemos esses fenômenos.

Assim, o estudo da linguagem associada à *cyberviolência* é essencial para identificar padrões discursivos, desenvolver políticas de moderação de conteúdo e criar estratégias eficazes de enfrentamento no ambiente digital.

Cyberbullying envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para apoiar o comportamento deliberado, repetido e hostil por um indivíduo ou grupo, que se destina a ferir os outros. [...] o cyberbullying pode acontecer através do uso de quase todos os meios pelos quais nos comunicamos na internet, tais como: Mídias Sociais, como Facebook e Twitter, e-mail, entre outros que encorajam o anonimato (Besley 2006:online)

De acordo com o previsto no artigo 5º, IV e IX da [Constituição Federal](#), a liberdade de expressão é um direito imprescindível e inegável ao ser humano, principalmente nos dias atuais. Dado isso, a necessidade de se posicionar publicamente em redes sociais permite que os usuários expressem suas opiniões e até mesmo contribuam para a disseminação da violência. O anonimato nas redes sociais pode ser um grande motivador por diversas razões psicológicas e sociais. Primeiro, ele oferece uma sensação de liberdade para expressar opiniões e sentimentos sem medo de represálias ou julgamentos. Isso permite que as pessoas se engajem em discussões mais amplas, especialmente sobre temas sensíveis ou controversos.

Além disso, o pseudonimato reduz a inibição social, incentivando usuários a compartilharem pensamentos que talvez não expressassem em ambientes presenciais justamente pela proteção da privacidade. Quando não se sabe com quem se está dialogando, é provável que as interações se tornem mais suscetíveis a mal-entendidos e distorções, já que sem uma foto de identificação, tom de voz ou contexto social, interpretações erradas se multiplicam. Dessa forma, o anonimato intensifica a

fragmentação do diálogo público, uma vez que é possível expressar racismo, sexismo, homofobia, entre outros, através das mídias sociais.

Logo, os discursos que circulam no ambiente tecno discursivo são, por assim dizer, frutos de polêmica. De acordo com Dominique Maingueneau (1995), as condições de produção e funcionamento discursivo de um enunciado se dão através de semas linguísticos: os positivos e os negativos. Esses processos incidem no aparelho linguístico no sentido de atribuir significação às frases, fazendo com que haja compreensão a partir da linguagem humana. Nesse sentido, o autor afirma que, para que um discurso seja constituído ele

[...] não pode interpretar-se a si mesmo, a não ser no modo inefável da coincidência com sua própria competência ou produzindo dele glosas que decorrem dessa mesma competência, que são por sua vez passíveis de uma tradução semântica pelo Outro (Maingueneau, 1995, p. X).

Com isso, cada posicionamento discursivo se insere em uma determinada formação discursiva que está diretamente relacionada com a ideologia que delimita o caráter pessoal de um enunciador. Conforme aponta Michel Pêcheux (1995), a formação discursiva é definida como

aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc) (Pêcheux, 1995, p. 160).

O corpus

O corpus recolhido é composto por duas campanhas publicitárias destinadas à valorização da beleza e autoestima das mulheres negras, uma delas da marca Seda, com ênfase no cabelo crespo, e outra da Natura, com enfoque em cremes e pele. Ambas campanhas se complementam trazendo o viés de beleza negra de maneira completa.

Metodologicamente, alinhamo-nos às contribuições teóricas de Moirand (2018) acerca dos “pequenos corpora discursivos”. O corpus da pesquisa será construído, por um lado, com base no objetivo primeiro desta pesquisa que é descrever/interpretar como os coletivos de mulheres negras quando ofendidas na web se utilizam dos mais variados recursos tecnodiscursivos para subverter tais insultos ao seu favor e/ou em direção aos seus insultores, constituindo a partir daí práticas

discursivas militantes de resistência. E, por outro, tendo em vista as dificuldades do próprio objeto em análise: o discurso digital, Paveau (2019, p. 125) afirma que ele não pode ser construído “segundo as normas dos discursos pré ou não-digitais, que privilegiam os 'grandes' corpora verbais”. Por conta da própria característica de proliferação descontrolada dos discursos digitais, o modo de construção de um *corpus* de análise deve ser reformulado. Para dar conta dessa dispersão, fortemente relacionada com a proliferação dos discursos digitais, acabando por gerar o descontrole dos mesmos, a pesquisadora francesa Moirand (2018) em seu artigo “A contribuição do pequeno *corpus* na compreensão dos fatos da atualidade”¹², defende a construção do “pequeno *corpus*” como uma forma de refletirmos sobre a atualidade, pois, a pressão de se trabalhar com um fenômeno do momento no mesmo instante em que ele acontece é um dos problemas encontrados atualmente nas ciências. Da perspectiva da Linguística, especialmente dos estudos discursivos, Moirand propõe então que um *corpus* digital pode também ser erigido por meio de uma “coleção de exemplos”. Os “instantes discursivos” (Moirand, 2018, p. 1) podem ser apreendidos pela construção de um pequeno *corpus* que, apesar de ainda instável, permite analisar o discurso no mesmo momento em que ele é produzido, tornando possível compreender melhor os discursos que circulam nas redes sociais analisadas. Moirand (2018) defende que “o pesquisador deve proceder coletando exemplos com os quais interage, registrando por meio do pequeno corpus, a reconstituição contextual dos eventos históricos e sociais. Dessa perspectiva, “a atividade de linguagem é encarada como uma maneira de 'capturar' o mundo, por meio da relação entre os locutores e seu ambiente” (Moirand, 2018, p. 6). O corpus dessa pesquisa será, destarte, construído por meio dessa metodologia do “pequeno *corpus*” defendida por Moirand e endossada por Paveau em seus trabalhos em análise do discurso digital, especialmente a partir de critérios que definem a ressignificação. Paveau (2019, p. 125), afirma que o interesse principal de uma pesquisa deve ser “compreender o funcionamento dos discursos e não propor regularidades que validam a hipótese interpretativa”. O pequeno *corpus* (Moirand, 2018) que será construído considerará também a rede interdiscursiva que o compõem e que assegura a dissertação e os objetivos inicialmente propostos. Destarte, em relação ao

12

Disponível

em:

<https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826>. Acesso em: 12 jul. 2024.

procedimento de levantamento e seleção de dados, o corpus desta pesquisa será coletado nas redes sociais Facebook e Instagram, durante o período de 2018 até 2022. Considera-se a relevância da data selecionada visto que durante esse período, Jair Messias Bolsonaro assumiu o cargo de presidência do Brasil, o que acabou incitando a propagação de violência e de discursos de ódio, de modo que refletiu significativamente no aumento e exposição de posicionamentos preconceituosos.

Além da metodologia utilizada, também temos um viés quantitativo, no qual utilizaremos a ferramenta de social listening e social big data *Brandwatch*, para compreensão e monitoramento de menções nas redes sociais no que diz respeito ao fenômeno de representatividade e beleza negras associado a campanhas publicitárias e valorização da autoestima da mulher negra.

Tipo de análise	
Volume	quantas menções da marca por período, volume ao largo do tempo
Share of Voice	Comparação com concorrentes, análise de gráficos em Brandwatch (Seda x Natura), montagem de relatório.
Tendências temporais	Picos da conversa, insights em relação ao que está sendo comentado extraídos com ajuda de Íris e Chat GPT, sazonalidade e análise de sentimentalização
Segmentações	Maneira de organizar os dados, organização de listas, país, gênero, autor, canal, influência

CAPÍTULO III- As princesas negras da Disney

"A Princesa e o Sapo" (*The Princess and the Frog*) é um filme de animação da Walt Disney Pictures lançado em 11 de dezembro de 2009. Dirigido por Ron Clements e John Musker, o filme é conhecido por ser a primeira produção da Disney a apresentar uma princesa negra. A história é ambientada em Nova Orleans durante a década de 1920 e combina o folclore local com uma narrativa que descreve elementos históricos da época.

Tiana era uma criança amorosa e leal que valorizava muito os aprendizados e ensinamentos que tinha em casa. Seu pai, James, era um homem trabalhador que sonhava em abrir seu próprio restaurante, um sonho que ele compartilhou com Tiana, que posteriormente desenvolveu o dom da culinária, fortemente inspirada pelos ensinamentos do seu pai. Já Eudora, sua mãe, trabalhava como costureira e fazia vestidos para a alta sociedade de Nova Orleans. Cozinhar não era apenas uma habilidade, mas também uma paixão que Tiana nutria desde criança. Inspirada pelo sonho de seu pai, quando jovem, Tiana almejou abrir seu próprio restaurante. Ela guardava cada centavo que ganhava para realizar esse sonho, demonstrando uma determinação incomum para alguém tão jovem.

Depois de anos de economias, Tiana finalmente conseguiu juntar o dinheiro suficiente para dar o primeiro passo rumo à realização de seu sonho: comprar um velho prédio abandonado que ela imaginava transformar em seu restaurante. No entanto, ela enfrentou um grande revés quando os agentes imobiliários a informaram que outro comprador estava interessado e ofereceu um preço mais alto. Desanimada, mas não derrotada, Tiana resolveu trabalhar ainda mais arduamente para juntar a diferença.

Apesar de enfrentar muitas dificuldades e obstáculos, Tiana estava determinada a realizar seu sonho por meio de muito trabalho e dedicação. Durante uma festa de gala organizada por sua amiga de infância, Charlotte La Bouff, Tiana foi convidada para cozinhar. Foi nessa festa que ela encontrou o príncipe Naveen, transformado em sapo pelo vilão Dr. Facilier. Desesperado para quebrar a maldição,

Naveen convenceu Tiana a beijá-lo, para quebrar o feitiço. No entanto, em vez de reverter a transformação, Tiana também é transformada em sapo.

Os dois embarcam em uma aventura pelos pântanos de Louisiana para encontrar a sacerdotisa vodú Mama Odie, que poderia desfazer a maldição. Durante sua jornada, eles encontram diversos personagens cativantes, como o crocodilo trompetista Louis e a vaga-lume Ray. Ao longo da viagem, Tiana e Naveen aprendem importantes lições sobre amor, amizade e o verdadeiro significado dos sonhos.

"A Princesa e o Sapo" é baseado no conto de fadas "O Príncipe Sapo", que tem várias versões, sendo a mais conhecida a dos irmãos Grimm. Na versão original dos Grimm, uma princesa encontra um sapo que afirma ser um príncipe encantado. Dependendo da versão, o sapo pode ser transformado de volta em príncipe através de um beijo da princesa, ou, em algumas versões mais antigas, ao ser lançado contra uma parede.

A adaptação da Disney se afasta significativamente do conto tradicional dos irmãos Grimm ao introduzir elementos únicos da cultura de Nova Orleans, incluindo o jazz, a culinária e o cenário dos pântanos da Louisiana. Além disso, a personagem de Tiana é criada como um exemplo de determinação e empreendedorismo, destacando temas de trabalho duro e perseverança, o que difere da figura mais passiva da princesa em muitas versões tradicionais do conto.

O filme também introduz uma rica tapeçaria de personagens secundários e temas mais complexos, como a luta contra a opressão e a importância de seguir seus sonhos. No entanto, ao traçar o percurso do conceito "princesa" nos contos de fadas, a partir das formas do gênero do discurso (e da noção de estereótipo), Tiana passa a maior parte do filme como sapo. Ela se transforma em sapo aproximadamente aos 20 minutos do filme, e permanece assim até quase o final. Considerando que o filme tem cerca de 97 minutos, Tiana passa aproximadamente 70 minutos como sapo. Ela retorna à forma humana nos momentos finais do filme, depois de se casar com o Príncipe Naveen enquanto ainda estão ambos transformados.

Também é necessário pontuar sobre como a representatividade é um fator crucial na narrativa e nas produções cinematográficas, especialmente quando se trata

de contar histórias de grupos historicamente marginalizados. Um diretor que compartilha a mesma identidade racial ou cultural dos personagens, pode trazer uma perspectiva mais autêntica e sensível, enraizada em experiências vividas. A ausência de diretores negros na produção de "A Princesa e o Sapo" pode resultar em uma narrativa que, apesar de bem-intencionada, carece da profundidade e da nuance que a experiência vivida pode oferecer.

Diretores brancos, mesmo os mais bem-intencionados, inevitavelmente trazem consigo uma perspectiva influenciada por suas próprias experiências e contextos culturais. Isso pode levar a uma representação limitada ou estereotipada dos personagens negros e suas histórias. No caso de "A Princesa e o Sapo", a narrativa pode não refletir completamente as complexidades e as nuances da vida negra, especialmente no contexto cultural e histórico de Nova Orleans. Isso é evidenciado em críticas que apontam para uma dependência excessiva de estereótipos e uma falta de profundidade na exploração das questões raciais. A decisão de escolher diretores brancos para um filme centrado em uma personagem negra é um reflexo do racismo estrutural presente na indústria cinematográfica.

A predominância de diretores brancos em Hollywood e a falta de oportunidades para diretores negros são manifestações desse racismo estrutural. Isso não apenas limita a diversidade de vozes na produção cinematográfica, mas também perpetua a desigualdade racial ao restringir o acesso de diretores negros a projetos de grande visibilidade e impacto.

Quando a pensadora feminista negra Djamila Ribeiro aborda o conceito de lugar de fala, percebe-se como essa associação pode ser relacionada com a falta de protagonismo negro nas produções cinematográficas, isso é válido tanto para os produtores, quanto para os personagens. A partir das relações de poder, é necessário se localizar enquanto sujeito social para reconhecer qual é o lugar que se ocupa.

Quando falamos de direito à existência digna e à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (Ribeiro, p. 64). É nesse sentido que Kilomba também toca num tema essencial quando discutimos lugares de fala: é necessário escutar por parte de quem sempre foi

autorizado a falar (Kilomba, p. 78). Desse modo, a representatividade negra se mostra de forma escassa e é preciso muita luta para que de fato seja alcançada.

Contexto- sistemas de governo do brasil, princesas europa x princesa brasileira

“Uma princesa puxa a outra”

A Seda é uma marca de produtos para cuidados capilares que pertence à Unilever, uma das maiores empresas de bens de consumo do mundo. Fundada em 1964, a Seda é conhecida por oferecer uma ampla gama de shampoos, condicionadores, cremes de tratamento e finalizadores, atendendo diferentes tipos e necessidades de cabelo. A marca tem um forte apelo entre os consumidores brasileiros devido à sua acessibilidade e eficácia, sendo uma das líderes de mercado no país.

Nos anos 2000, a marca começou a se destacar na produção de cremes para cabelos crespos e cacheados. A marca passou a focar mais intensamente na diversidade capilar, lançando linhas específicas para atender às necessidades de cabelos crespos e cacheados.

Com o intuito de continuar promovendo a diversidade e a inclusão, a marca se juntou à Disney, PretaHub, Plano de Menina, e a Organização Não Governamental Na Ponta dos Pés para a criação da campanha “Uma Princesa Puxa a Outra” com o lançamento da coleção de produtos “Juntinhos”. Inspirada no universo das Rainhas e Princesas da Disney, entre elas Elsa e Anna, Tiana e Moana, a novidade chegou com três variações completas voltadas para todas as curvaturas de fios, trazendo, além de cuidados, muita representatividade.

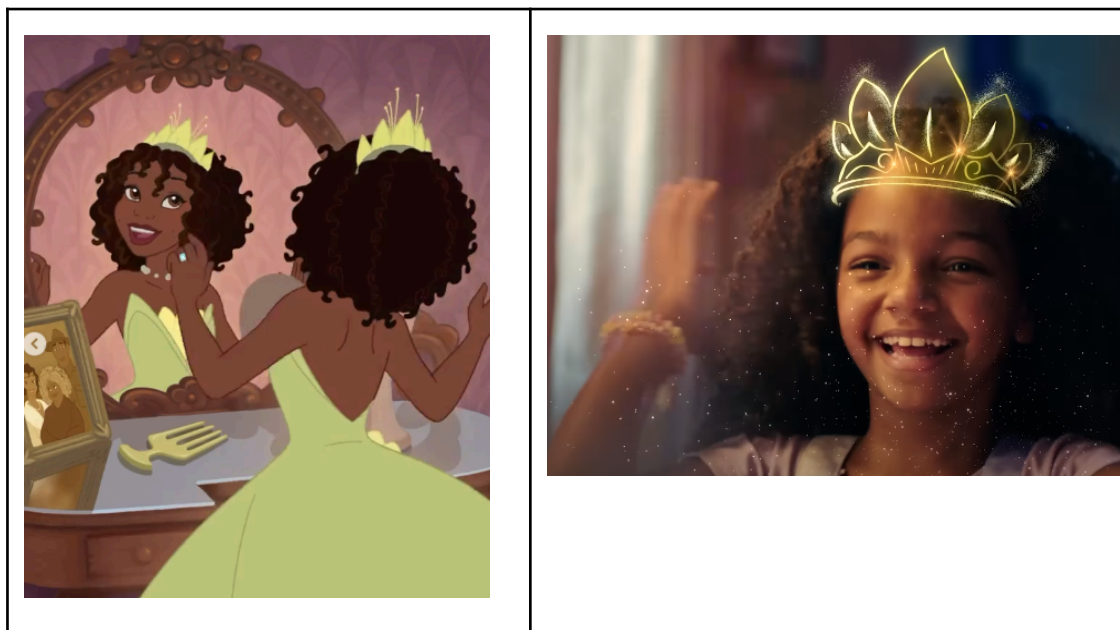
A campanha foi lançada no youtube dia 02 de outubro de 2023. O vídeo se passa no morro do Vidigal no Rio de Janeiro, onde é possível perceber nas primeiras cenas Tiana na penteadeira com os cabelos presos. Após alguns minutos, Tiana solta o seu cabelo e sai. Caminhando pela rua, ela encontra uma criança negra que comenta com a mãe que a princesa Tiana, do filme que ela gosta, está com o cabelo solto e que o cabelo é igual ao dela. Posteriormente, Tiana manda mensagem para suas alunas de ballet avisando que a aula seria com o cabelo solto.

Logo após, todas as meninas frequentam a aula com o cabelo solto. Ao final do vídeo, uma menina negra aparece em frente à penteadeira com uma coroa, também soltando os seus cabelos porque se sentiu inspirada pelo vídeo de ballet

publicado no Youtube. Após, é possível visualizar os produtos da Seda passando por uma transformação mágica nas embalagens de shampoos, condicionadores e cremes, que podem ser visualizados nas imagens abaixo:

Imagem 3: Uma Princesa puxa a outra





Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=6PQbcgd4TLk&ab_channel=Seda

No próprio site da marca, é possível visualizar a sessão intitulada “Crespos Encantados”, que foi feita especialmente para as crianças de cabelos crespos, incentivando o fortalecimento da autoestima e do amor próprio, enaltecendo o poder da ancestralidade e do autoconhecimento sobre as diferentes texturas do cabelo negro, que não se resumem em curvaturas onduladas ou cacheadas.

Esta é a primeira vez que o Walt Disney Animation Studios cria uma animação personalizada exclusiva de “A Princesa e o Sapo” para um projeto como este. É também a primeira vez que vemos a princesa Tiana soltando os cabelos em uma cena. A ação se passa após a Princesa ver uma foto de sua família com os cabelos soltos. A animação foi desenvolvida por alguns dos mesmos animadores responsáveis pela criação do filme de 2009.

Em 2024, a campanha foi premiada internacionalmente no Festival Cannes Lions 2024, conquistando três Leões. O Cannes Lions, também conhecido como Festival Internacional de Criatividade de Cannes, é um evento global que celebra a criatividade na indústria de publicidade e comunicações. Realizado anualmente em Cannes, França, o festival reúne profissionais da área para premiar os melhores trabalhos, discutir tendências e promover networking. A campanha, criada pela agência SOKO, focada em cabelos crespos e sonhos de crianças negras, recebeu reconhecimento nas categorias Entertainment e Social & Influencer, segundo o site Publicitários Criativos e Cidade Marketing.

Além do reconhecimento em Cannes, a campanha também foi vencedora do Prêmio Potências 2024, destaque no cenário cultural brasileiro. Com foco na valorização da cultura negra e da diversidade, a cerimônia, que ocorreu no Teatro Santander em São Paulo, homenageou figuras como Ludmilla e Erykah Badu, e premiou talentos em diversas categorias, como publicidade, música, entre outros. O tema da edição de 2024 foi "A Favela", com o objetivo valorizar a cultura negra e periférica. Ludmilla, eleita "Artista do Ano", foi uma das grandes homenageadas da noite, representando a força e a influência da música brasileira e da cultura popular. Preta Gil, Rita Batista e Stella Yeshua, mulheres negras influentes no cenário da televisão e cultura brasileira, foram as apresentadoras do festival.

No âmbito do AYA Awards:

Os Prêmios AYA (Jovens Embaixadores Asiáticos) são prêmios que reconhecem indivíduos e instituições por seu espírito de perseverança em seus esforços para melhorar a si mesmos, bem como sua [comunidade](#) e [nação](#). ^[1]

Tasha e Tracie- Seda Boom

Cabelos sem limites, como nós



Tasha, embaixadora da marca, comenta em sua publicação do Instagram que “Quem nos acompanha sabe nossa relação e apreço pelos nossos cabelos e também sabe o quanto queríamos encontrar uma parceira que nos indentificássemos! E com muito orgulho venho falar pra vocês oficialmente que somos as novas embaixadoras da marca que crescemos sonhando em estar com o rosto estampado na embalagem!”

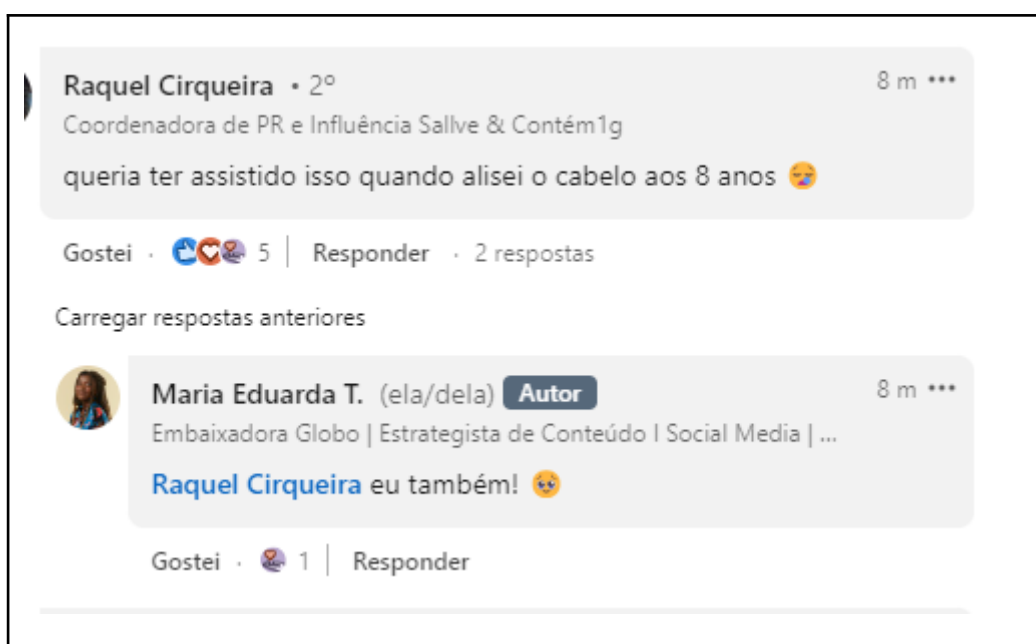
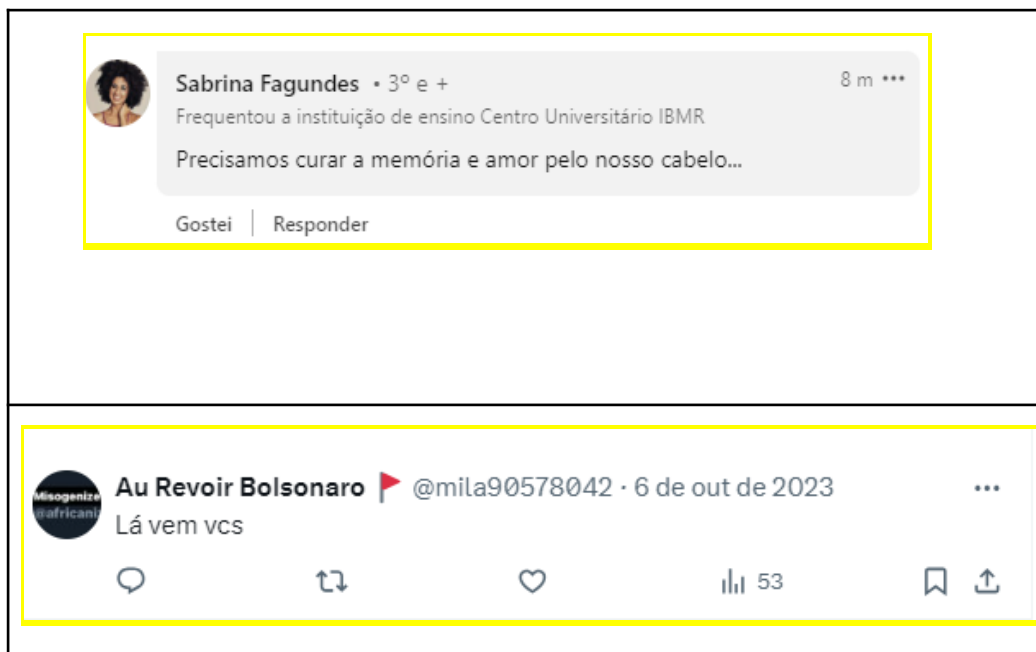
Em contraponto, temos a Natura. A marca foi fundada em 1969. A marca preza pela valorização de ingredientes naturais para a fabricação de seus produtos. Depois de muitos estudos e análises sobre beleza, somente em 1973 que a marca lançou uma linha específica para tratamentos corporais.

No entanto, apesar da marca obter grande repercussão no mercado, é a primeira vez que lançam uma linha específica para a pele negra, iniciada no final de 2024. A linha Jambo Rosa e Flor de Caju surgiu a partir de um estudo que mapeou as necessidades fisiológicas das mulheres negras no Brasil.

Nos alinhamos aos pressupostos teóricos de Dominique Maingueneau quando observamos que [...] o espaço discursivo é considerado como uma rede de interação semântica que gera diversas possibilidades de posições enunciativas. Neste sentido,

podemos observar como é constituída a formação discursiva de cada sujeito que se posiciona referente à campanha Uma Princesa Puxa Outra em contexto digital:

Imagem 4: Discursos sobre cabelo crespo





tmb odeio quando ligo a tv e a princesa é feia tipo a Tiana, Moana, Pocahontas e Jasmine x.com/brparalermo/st...

Quando analisamos os enunciados mencionados acima que foram publicados na rede social X, pode-se observar a disputa de embates ideológicos e a criação de um campo discursivo com diferentes formações discursivas.

O campo discursivo, por sua vez, é entendido como o conjunto de formações discursivas que travam uma concorrência entre si, circunscrevendo-se reciprocamente em um lugar determinado do universo discursivo, podendo tal concorrência ocorrer na forma de enfrentamento, aliança ou até mesmo de uma neutralidade aparente. Tal embate ocorre entre discursos com mesma função social, mas discordantes entre si a respeito do modo pelo qual essa função deve ser preenchida.

É no interior de um campo que se constitui um discurso e “essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes.” (Maingueneau, 2008b, p. 34).

Maingueneau (2005, p. 103) discrimina em discurso agente “aquele que se encontra em posição de tradutor” e discurso paciente “aquele que é assim traduzido”, nesses casos, a tradução é efetivada com base na grade semântica do discurso agente.

Relacionando a sistematização proposta pelo linguista aos dados dessa pesquisa, vislumbramos o discurso assumido por Sabrina Fagundes e Raquel Cirqueira e 2022 como agentes, e é a partir do registro negativo de sua rede semântica que os semas dos discursos construídos por Ao Revoir Bolsonaro e Jess (paciente) são traduzidos, deixando claro o lugar do outro em seu discurso, construindo uma espécie de resposta a ele. Por conseguinte, a construção desse “discurso-resposta” revela o processo de leitura interincompreensiva concretizado, o qual procura explicitar ao leitor potencial a suposta incoerência do primeiro discurso.

A partir dos dados linguístico-discursivos destacados, observamos que as enunciantoras do discurso tradutor expõem traços de mulheres que exercem ativismo político e configuram participação ativa nos movimentos sociais no ciberespaço. É

importante destacar que essas mulheres são negras, utilizam fotos no perfil e expõem suas opiniões de maneira direta. Sabe-se que a internet se configura como ferramenta para as lutas sociais contemporâneas e é concebida como espaço potencial de expressão e participação genuinamente democrática (Deibert, 2000). De maneira geral, os posicionamentos constroem um *ethos* discursivo que configura relações raciais e envolvem ética e respeito para solidificação do empoderamento feminino e da beleza da mulher negra na sociedade brasileira.

Em contraponto, as enunciantoras do discurso traduzido expõem traços de mulheres que não exercem o ativismo político, configurando interincompreensão discursiva. Também é possível perceber que essas enunciantoras não utilizam fotos pessoais nas suas redes sociais. O uso de perfis anônimos em redes sociais para dirigir ofensas a grupos minorizados representa uma dinâmica complexa de poder, responsabilidade e moralidade no discurso online. O uso de perfis anônimos ou sem fotos em redes sociais, especialmente quando direcionado a ofensas e ataques a grupos minorizados, pode ter um impacto significativo no posicionamento discursivo. Esta prática reflete uma dinâmica complexa de poder, responsabilidade e moralidade, influenciando tanto o comportamento do agressor, quanto na experiência da vítima.

A desinibição facilitada pelo anonimato, combinada com a difusão de responsabilidade e a ausência de consequências, cria um ambiente onde a agressão é exacerbada e a vulnerabilidade das vítimas é amplificada. O anonimato pode, paradoxalmente, legitimar o discurso de ódio e agressão. Outros usuários podem ver a falta de consequências e sentir-se encorajados a participar ou perpetuar tais comportamentos, criando uma cultura de hostilidade e intolerância.

O *cyberbullying* envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para apoiar o comportamento deliberado, repetido e hostil por um indivíduo ou grupo, que se destina a ferir os outros [...] o *cyberbullying* pode acontecer através do uso de quase todos os meios pelos quais nos comunicamos na internet, tais como: Mídias sociais, como Facebook e Twitter, e-mail, mensagem de celular (SMS) e mensagens multimídia (Blogs, Websites pessoais, sites de pesquisa pessoal on-line e aplicativos, especialmente aqueles que encorajam o anonimato (Beley 2006: on-line)

Assim como nos espaços offline, a noção de decência é um constructo sociocultural que varia conforme as épocas, os contextos e as culturas. Este conceito

está em constante negociação, sendo influenciado por eventos discursivos morais que emergem de enunciados violentos. A decência, portanto, é um reflexo dinâmico das normas e valores de uma sociedade em um dado momento.

Concluindo, essa natureza mutável da decência exige um contínuo diálogo e reflexão sobre os comportamentos aceitáveis, especialmente quando lidamos com discurso violento. É crucial que, tanto online quanto offline, promovamos ambientes onde o respeito mútuo e a responsabilidade sejam incentivados, e onde as normas de decência sejam continuamente reavaliadas para garantir uma convivência harmoniosa e inclusiva.

Tomando o espaço do discurso como uma rede de interação semântica, Maingueneau (2005) elegeu o processo de interincompreensão generalizada como a própria condição para as diferentes possibilidades de emergência das posições enunciativas. A leitura concretizada por EA (Enunciado agente) promoveu um choque entre posicionamentos diferentes: enquanto EP (Enunciado paciente) enunciou: (1) Precisamos criar a memória e o amor pelo nosso cabelo, EA enunciou (2) Lá vem vocês. Abaixo, também observamos outro exemplo com as enunciações de EP (1) Queria ter assistido quando alisei o cabelo com 8 anos, enquanto EA enunciou (2) Também odeio quando ligo a TV e a princesa é feia tipo a Tiana.

Temos de um lado o discurso antirracista enunciado por EP e do outro o discurso racista enunciado por EA, ambos estruturados ao mesmo tempo em trocas de confrontação. Podemos observar nos enunciados proferidos, duas formações discursivas diferentes: racista e antirracista, observadas na tabela abaixo:

Quadro 1: Formações discursivas

<i>Formação discursiva</i>	<i>Formação discursiva</i>
Racista (sema negativo)	Antirracista (sema positivo)

Os discursos são delimitados por grades semânticas específicas, o que necessariamente gera um liame para o desentendimento recíproco. Para eleger um sentido estrito é necessário sacrificar outros, consequentemente, os sujeitos da

enunciação podem entrar em situações de confronto ou adesão na interação, em razão da natureza distinta de suas formações discursivas. Diante de um discurso determinado, duas formações discursivas diferentes podem interagir com o outro na tentativa de integrá-lo ou de rejeitá-lo. “É necessário precisar que há discursos cuja semântica exige crucialmente a pluralidade dos discursos, e outros que só podem funcionar reivindicando o monopólio da legitimidade” (Maingueneau, 2005, p. 111).

A partir disso, podemos considerar os primeiros enunciados referentes à campanha da Seda como semas linguísticos positivos, uma vez que fomentam práticas de militância, reparação histórica e resistência. Quando mulheres negras se sentem motivadas a resgatar a memória identitária da cultura negra e consequentemente usar o seu cabelo natural, há uma movimentação interna de tomada de consciência em relação ao enfrentamento das práticas de dominação racistas. Isso é o que afirma Joice Berth sobre empoderamento: [...] o empoderamento começa quando não apenas reconhecemos as forças sistêmicas que nos oprimem, como também atuamos no sentido de mudar as relações de poder existentes. (Berth, 2019)

Nesse sentido, podemos fomentar a análise com mais representações de beleza negra que repercutiram nas redes sociais referentes à campanha da Seda, como é o caso do vídeo publicado pelo ator Lázaro Ramos:



Fonte: Reprodução/Instagram

No vídeo publicado no dia 29 de setembro de 2023, o ator vive um momento de intimidade de pai e filha, no qual Maria Antônia, de oito anos, está em frente à

penteadeira soltando o cabelo. Lázaro faz uma narração que ressalta a importância de ensinar às nossas crianças sobre o valor do cabelo afro e reforça o processo de fortalecimento e empoderamento feminino negro ao lado da filha, dizendo:

“Você sabia que nosso cabelo é a nossa coroa? Nós merecemos e precisamos nos orgulhar dele! Quando uma menina assim como você solta o seu cabelo, é o momento que você se reconhece como uma pessoa preta, que você sente orgulho dos seus traços e se conecta consigo mesma, abrindo um mundo de possibilidades! Inclusive, você é mais livre para usar o seu cabelo do jeito que você quiser. Te amo!”

O vídeo é uma parceria com a campanha da Seda e foi a primeira ação publicitária do ator com sua filha, chegando a mais de 1,2 milhões de visualizações no instagram¹³.

No Brasil, os estereótipos criados pelo colonizador branco sobre o negro se perpetuaram e permanecem até os dias atuais. Os corpos negros continuam carregando a marca da marginalização e da inferioridade. Por isso, a revalorização das mulheres negras, tão massacradas e inferiorizadas por um machismo racista, assim como por valores estéticos eurocêntricos, é extremamente importante para o avanço das pautas raciais, no sentido de promover uma revolução cultural e ética, ressaltando a verdadeira beleza dos cabelos crespos. É possível analisar abaixo algumas reações e comentários gerados a partir do vídeo:

Imagem 6 : Discursos sobre o cabelo crespo

¹³ Disponível em https://www.instagram.com/p/Cxyc_LCO7ea/. Acesso em: 29 jun. 2024.



Analisando os comentários, pode-se perceber o impacto significativo causado pelo vídeo na mídia. Utilizar o vídeo como material didático de uma aula, por exemplo, ajuda a aumentar a conscientização sobre os desafios enfrentados por crianças negras em relação à aceitação de sua aparência natural. Ademais, o vídeo também pode ser uma ótima ferramenta educacional para mães e pais, trazendo, como mencionado pelo próprio ator, novas possibilidades, novas perspectivas e um novo olhar sob o próprio ser, isso é empoderamento:

O empoderamento é definido como um processo pelo qual a autodireção e o processo de ajuda são as forças de cura e fortalecimento entre a população negra (Solomon, 1976, p. 27, tradução nossa).

Maingueneau (2015) chama a atenção para o tipo de textualidade preponderante na *Web*, chamada por ele de navegante. Tal espaço, aparentemente democrático, permite que qualquer cidadão comum se expresse retoricamente sem a necessidade de pedir qualquer permissão. Essas expressões são concretizadas por meio de diversos códigos semiológicos como textos, imagens, vídeos, entre outros.

De modo geral, a campanha "Juntinhos" foi muito bem veiculada e amplamente bem-recebida nas redes sociais, especialmente por ter uma abordagem inovadora e inclusiva, destacando a importância da representatividade e da celebração das diferentes texturas e estilos de cabelo. Ao abraçar a diversidade, a Seda conseguiu criar um movimento que ressoou profundamente com muitas mulheres, especialmente aquelas que frequentemente se sentem sub-representadas na mídia e na publicidade. Criar uma conexão emocional profunda com seu público-alvo, promovendo a auto aceitação e a beleza natural das jovens negras brasileiras é algo transformador.

A mensagem de empoderamento e aceitação pessoal foi clara e poderosa, gerando uma onda de apoio e identificação entre o público, inclusive sendo divulgada por artistas famosos. A campanha teve mais de 1 milhão e 700 mil visualizações no Youtube, mais de 360 mil visualizações no X, diversos *challenges*¹⁴ no Tik Tok, assim como também foi divulgada em páginas amplamente reconhecidas do movimento negro. No entanto, ao analisar a execução da campanha e seus desdobramentos no mercado, surgem algumas críticas relevantes que merecem destaque pois é possível observar que há uma desconexão entre a mensagem e a realidade dos produtos. Apesar do sucesso da campanha em termos de impacto e engajamento, uma crítica significativa surge quando se observa a disponibilidade dos produtos no mercado. Ao buscar os potes de Seda nas prateleiras, nota-se que a maioria dos produtos ainda retrata a princesa Tiana com cabelo preso, uma representação que, embora positiva, não reflete completamente a mensagem de diversidade de estilos e texturas promovida pela campanha "Juntinhos":

Imagem 7: Campanha Seda Juntinhos

¹⁴ Challenges, a palavra em inglês que significa "desafios" consiste em fazer vídeos inusitados e postá-los nas redes sociais, principalmente no TikTok e Instagram



Fonte:

<https://www.seda.com.br/p/shampoo-seda-crespos-encantados.html/07891150083592>

A disparidade entre a mensagem da campanha e os produtos disponíveis sugere uma falta de coerência e continuidade na estratégia de marketing da Seda. Para que a campanha alcance seu verdadeiro potencial e para que a mensagem de diversidade seja realmente internalizada pelos consumidores, é crucial que os produtos oferecidos no mercado reflitam essa diversidade. Isso inclui a representação do cabelo solto nas embalagens de venda reais e não somente na comunicação visual dos produtos on-line. Para maximizar o impacto positivo da campanha e garantir que a mensagem de inclusão seja plenamente representada, a Seda deve considerar as seguintes recomendações:

1. **Consistência na Comunicação:** Assegurar que todas as plataformas de comunicação, desde as redes sociais até os pontos de venda, estejam alinhadas com a mensagem central da campanha.
2. **Feedback do Consumidor:** Engajar-se ativamente com o público para entender suas percepções e necessidades, ajustando as estratégias de marketing e produtos conforme o feedback recebido.

A campanha "Juntinhos" da Seda foi um passo significativo, promovendo a aceitação e a celebração da diversidade. No entanto, para que essa mensagem ressoe verdadeiramente e cause um impacto duradouro, é essencial que haja uma

continuidade e coerência entre a campanha e os produtos disponíveis no mercado. Somente assim, a Seda poderá solidificar sua posição como uma marca que realmente valoriza e representa a diversidade de suas consumidoras: mulheres negras que se aceitam e são empoderadas.

Campanha “Projeto Dandara”

Natura

Para somar em nossos resultados em relação à beleza da mulher negra, temos também o projeto dandara, uma campanha da Natura destinada à valorização da pele negra com a criação de uma linha específica para esse tipo de pele. A linha Tododia Jambo Rosa e Flor de Caju foi especialmente desenvolvida para valorizar os diversos tons de peles pretas e pardas. Dividido em fases qualitativas e quantitativas, o estudo mapeou detalhadamente hábitos e comportamentos, apontando necessidades específicas de cuidado para peles ricas em melanina. A pesquisa científica confirmou tendências como a propensão à hiperpigmentação e à descamação acelerada.

[Natura lança Tododia Jambo Rosa e Flor de Caju, linha desenvolvida para realçar a beleza das peles pretas e pardas](#)

Para promover essa linha, a campanha contou com a atriz e cantora **Iza** como embaixadora, com trilha baseada em releitura da música “Sorriso Negro” (Dona Ivone Lara), ações no TikTok envolvendo criadoras negras e mídia OOH em várias regiões do Brasil.

O vídeo se inicia com várias mulheres negras juntas e abertura da música “Um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade”, salientando também na parte de finalização do vídeo a frase [“Negro é a raiz da liberdade.”](#)



Brandwatch Consumer Research: Um plus de dados.

A análise qualitativa realizada manualmente neste trabalho foi complementada por dados quantitativos obtidos por meio de ferramentas de Social Listening, campo que se consolidou a partir da expansão das mídias digitais e da crescente necessidade de compreender, em escala, as interações, percepções e narrativas produzidas por usuários em ambientes online. Nesse contexto, o Social Listening emerge como uma evolução das práticas de monitoramento de mídia, ampliando o foco não apenas para a coleta de menções, mas também para a interpretação de sentimentalização e dinâmicas discursivas em tempo real. Historicamente, esse campo se desenvolve a partir do avanço das redes sociais e da transformação da internet em um espaço central de produção de opinião pública. Se inicialmente as estratégias de monitoramento estavam voltadas para métricas simples de presença digital, com o tempo passaram a incorporar análises mais sofisticadas, baseadas em big data, processamento de linguagem natural e inteligência artificial, permitindo a leitura de padrões complexos de comportamento e sentimento coletivo.

Dentro desse ecossistema, a plataforma Brandwatch Consumer Research se destaca como uma das ferramentas mais reconhecidas globalmente. Originada no Reino Unido no final dos anos 2000, a Brandwatch surgiu como uma solução voltada à análise de conversações online, evoluindo ao longo do tempo para incorporar tecnologias avançadas de mineração de dados, análise semântica e visualização de tendências. Atualmente, a ferramenta é amplamente utilizada por instituições acadêmicas e organizações de pesquisa para mapear percepções públicas, identificar tendências emergentes e compreender a dinâmica de reputação de marcas e temas sociais.

Dessa forma, o uso de Social Listening nesta pesquisa permite não apenas quantificar menções, mas também interpretar como determinados temas circulam, se transformam e adquirem diferentes sentidos no ambiente digital. A partir dessa abordagem, torna-se possível observar padrões discursivos com maior amplitude, contribuindo para uma análise mais robusta e contextualizada do objeto de estudo.

Considerando a beleza da mulher negra como enfoque principal, foi possível mapear a circulação dos discursos em ambiente digital, identificando padrões de frequência, associação e contexto de uso dos termos analisados. Para isso, utilizou-se

uma query — uma formulação de busca estruturada que opera como um dispositivo de recorte do dizer em ambiente digital estruturada com operadores booleanos — estratégia que possibilita refinar a coleta de dados e garantir maior precisão na captura das conversações relevantes ao tema investigado.

Nesse sentido, a elaboração da query constituiu um passo fundamental da análise, uma vez que orientou o recorte dos dados e delimitou o universo discursivo observado. A combinação de palavras-chave e operadores permitiu não apenas ampliar o alcance das menções, mas também filtrar ruídos, assegurando que os resultados refletissem, de maneira mais fiel, as dinâmicas de debate em torno da temática proposta.

A seguir, apresenta-se a query elaborada, que serviu como base para a extração e organização dos dados analisados.

Query (<<<Specific Topic Terms>>>)

"mulher negra" OR "mulheres negras" OR "beleza negra" OR "pele negra" OR "identidade negra" OR negritude OR "representatividade negra" OR "representação negra" OR "empoderamento feminino negro" OR "cabelo crespo" OR "cabelo afro" OR "cachos 4c" OR "pele retinta" OR "mulher retinta" OR "mulheres pretas" OR "feminilidade negra" OR "autoestima negra" OR "skincare pele negra" OR "maquiagem pele negra" OR "agressão racista" OR "racismo" OR "discriminação racial" OR Seda OR Natura OR "Linha Princesas" OR "cremes de jambu" OR "linha jambu"

<<<Topic Terms with Context>>>

OR ((mulher* OR feminina*) NEAR/10 (negra* OR preta* OR afro*))
 OR ((racismo OR discriminação) NEAR/10 (combate OR enfrentamento OR superação OR resignificação OR discurso OR narrativa))
 OR ((beleza OR estética OR autoestima OR empoderamento) NEAR/10 (negra* OR afro* OR crespo OR cacheado))
 OR ((campanha* OR publicidade OR marketing) NEAR/10 ("beleza negra" OR "cabelo crespo" OR "autoestima negra"))
 OR (Seda NEAR/10 ("cabelo crespo" OR "cachos" OR "princesas" OR "linha de cabelo" OR shampoo OR condicionador))

OR (Natura NEAR/10 ("cremes de jambu" OR "linha jambu" OR jambu OR cosméticos OR beleza))

<<<Hashtags>>>

OR ("#MulheresNegras" OR "#EmpoderamentoFeminino" OR "#CulturaAfro" OR "#Diversidade" OR "#OrgulhoNegro" OR "#NegrasImportam" OR "#BelezaNegra" OR "#LiderançaNegra" OR "#ForçaFeminina" OR "#HistóriasNegras" OR "#DireitosDasMulheres" OR "#Representatividade" OR "#VoicesOfBlackWomen" OR "#BlackGirlMagic" OR "#SolidariedadeEntreMulheres" OR "#NegrasEnvolvidas" OR "#SaúdeDaMulherNegra" OR "#FeminismoInterseccional" OR "#NegrasNaLiderança" OR "#MulheresNegrasForte" OR "#Seda" OR "#SedaBeauty" OR "#SedaHair" OR "#SedaShampoo" OR "#SedaConditioner" OR "#SedaSmartDuo" OR "#HairCare" OR "#HealthyHair" OR "#SedaSalon" OR "#SedaTreatment" OR "#SedaInStyle" OR "#SedaForAllHairTypes" OR "#SedaLovesYourHair" OR "#SedaHairGoals" OR "#SedaHairProducts" OR "#SedaStyle" OR "#SedaChallenge" OR "#HairCareRoutine" OR "#SedaCommunity" OR "#SedaTransform" OR "#Natura" OR "#NaturaCosmetics" OR "#SustainableBeauty" OR "#EcoFriendly" OR "#NaturalIngredients" OR "#CrueltyFree" OR "#VeganBeauty" OR "#SkincareRoutine" OR "#GreenBeauty" OR "#OrganicSkincare" OR "#BeautyWithoutCruelty" OR "#CleanBeauty" OR "#NaturaBrasil" OR "#BeautyFromNature" OR "#NaturaProducts" OR "#ConsciousConsumer" OR "#PlantBasedBeauty" OR "#ResponsibleBeauty" OR "#NaturaCommunity" OR "#CabelosCrespos" OR "#CabeloCrespo" OR "#CabelosNaturais" OR "#Cachos" OR "#CabeloAfro" OR "#Crespos" OR "#TexturaNatural" OR "#BelezaCrespa" OR "#CabelosCacheados" OR "#EstiloCrespo" OR "#CabelosComTextura" OR "#Autocuidado" OR "#CresposECacheados" OR "#AmoMeuCabelo" OR "#BelezaNatural" OR "#DicasCabeloCrespo" OR "#CabeloSaudavel" OR "#CresposDeSucesso" OR "#CabelosLivres" OR "#RepresentatividadeCrespa" OR "#princess" OR "#princesslife" OR "#princesslove" OR "#princessfashion" OR "#princessparty" OR "#princessmagical" OR "#princessdream" OR "#princessstories" OR "#princessgoals" OR "#princessstyle" OR "#princessworld" OR "#princesas" OR "#princessvibes" OR "#princessadventures" OR "#princessfan" OR "#princesscommunity" OR "#fairytale" OR "#royalty" OR "#princessdiaries" OR "#princessart" OR "#Jambu" OR "#JambuFruit" OR "#JambuRecipes" OR "#JambuBenefits" OR "#JambuLove" OR "#TropicalFruit" OR

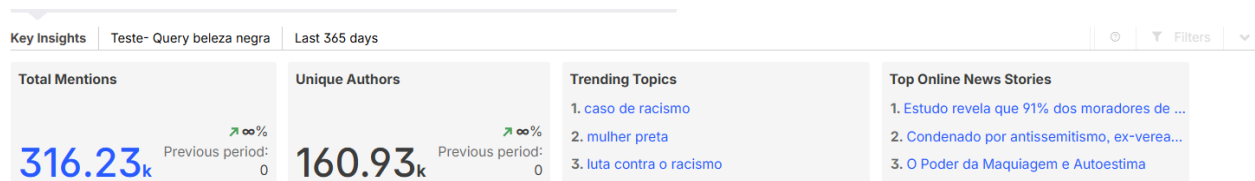
"#HealthyEating" OR "#FruitOfTheTropics" OR "#JambuSmoothies" OR
 "#JambuHealth" OR "#JambuTree" OR "#ExoticFruit" OR "#JambuHarvest" OR
 "#JambuSeason" OR "#JambuInYourDiet" OR "#JambuAndWellness" OR
 "#TasteOfJambu" OR "#JambuNutrition" OR "#JambuCommunity" OR
 "#JambuFlavors")

<<<Specific Subreddits>>>

OR subreddit:(black OR BlackPeopleComedy OR Blackpeople OR PrejudiceChallenge
 OR CabelosDoBrasil OR SkincareAddictionBr OR HaircareScience))

<<<Exclusion Terms>>>

NOT (cor OR fruta OR "mercado negro" OR "caixa preta" OR "humor negro" OR "lista
 negra" OR "ovelha negra" OR "magia negra" OR "redação do Enem" OR "petz avon"
 OR promo* OR desconto OR curso OR inscrições OR "Instituto Natura" OR STF)



As primeiras menções encontradas em Brandwatch no período de 365 dias, foi de 315.23k. Palavras como: mulher negra próximas de cabelo crespo, ou #representatividade, assim como também relacionadas às duas marcas que compõem a análise: Seda e Natura. Por exemplo, num período de um ano, podemos analisar por onde as menções circulam e os nichos em que se concentram.

No campo da representação política, por exemplo, discussões recentes destacam a luta contínua pela representação política no Brasil, especialmente para mulheres e grupos marginalizados. A aprovação do aumento do número de cadeiras no Congresso gerou debates sobre responsabilidade e a necessidade de vozes mais diversificadas na política. Ativistas pedem que os cidadãos pressionem seus

representantes a priorizar a representação equitativa, enfatizando que a verdadeira democracia requer inclusão e transparência na governança.

A importância da representatividade em vários setores culturais, incluindo cinema, literatura e moda, é cada vez mais reconhecida. Eventos que celebram as mulheres negras na literatura e discussões sobre a representação de indivíduos LGBTQIA+ na mídia ressaltam a necessidade de uma representatividade autêntica que ressoe com públicos mais amplos e inspire as gerações futuras, como por exemplo a integração Ana Maria Gonçalves, escritora, roteirista e dramaturga eleita como a primeira mulher negra a integrar a Academia Brasileira de Letras, celebrando sua ancestralidade e defendendo mais vozes negras na literatura brasileira. Sua obra *Um defeito de cor*, ocupou a sétima posição da lista dos 200 livros mais importantes para entender o Brasil, divulgado pela Folha de S.Paulo em 2022, no âmbito do projeto "200 anos, 200 livros".



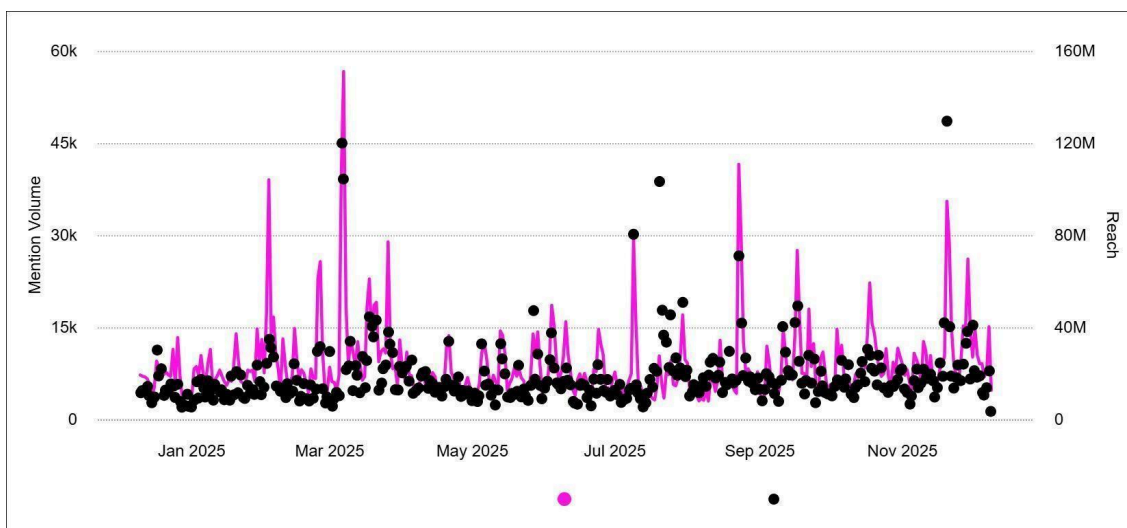
Fonte: Brandwatch – Query Beleza Negra

De acordo com Brandwatch, nos últimos 365 dias, conseguimos coletar organicamente em torno de 620 mil menções, com 260 mil autores. Os tópicos mais comentados foram entre as palavras-chave mulher preta, casos de racismo e racismo institucional.

As conversas revelam um Brasil atento, combativo e cada vez mais articulado, onde influenciadoras, coletivos de mulheres negras e movimentos antirracistas moldam comportamentos e pressionam marcas por posturas mais coerentes. O debate cresceu de forma orgânica, impulsionado por temas como:

Trending topics	
• Denúncias e casos de racismo amplamente repercutidos	É possível perceber como a população negra como um todo se movimenta ativa e politicamente nas redes sociais, exigindo justiça para casos hediondos
• Campanhas de empoderamento de influenciadoras negras	Percebe-se, constantemente, o empoderamento de meninas e mulheres negras no Tiktok e Instagram, se amando e valorizando cada vez mais seus traços e cabelos;
• Discussões sobre padrões estéticos e valorização de cabelos crespos/ afro	Vídeos que denotam momentos de transição capilar, valorização do crespo, cortes afro e dicas de cuidados capilares têm aumentado, inclusive tópicos que abordam a pressão estética;
• Maquiagem e skincare para pele negra	
• Aumento de conversas sobre pele retinta e colorismo	

O comportamento das menções mostra que a conversa é constante, emocional e fortemente impulsionada por eventos culturais e denúncias sociais.



Os dados analisados revelam um cenário complexo e, ao mesmo tempo, profundamente significativo no que diz respeito às conversações sobre beleza negra. A maior parte das menções apresenta um tom positivo (48%), evidenciando um movimento consistente de valorização da estética negra, fortalecimento da autoestima e construção de narrativas de empoderamento. Nesse contexto, campanhas publicitárias de marcas como Natura e Seda têm sido, em grande medida, bem recebidas, indicando uma abertura do público para iniciativas que dialoguem com representatividade.

Entretanto, há também uma presença expressiva de conteúdos neutros (42%), compostos majoritariamente por notícias, reportagens e postagens informativas, o que demonstra que o tema já ocupa um espaço consolidado no debate público, sendo tratado não apenas como tendência, mas como pauta estruturante. Por outro lado, os 10% de menções negativas revelam tensões importantes, marcadas por denúncias de racismo, críticas a campanhas consideradas superficiais e discussões sobre colorismo, indicando que, apesar dos avanços, há uma vigilância ativa e crítica por parte do público.

O Brand Health Index (BHI), com pontuação de 8,01, classificada como boa, reforça esse cenário de amadurecimento. Observa-se um crescimento de 12% nas conversações relacionadas à beleza negra, o que aponta não apenas para maior visibilidade, mas para uma sofisticação discursiva: há celebração, mas também cobrança. Esse equilíbrio sugere que o tema deixou de ser tratado de forma superficial, passando a ocupar um lugar de valor cultural e político mais robusto.

Ao analisar os clusters de conversação, percebe-se que a representatividade e a estética negra constituem um dos principais eixos discursivos, com destaque para

termos como beleza negra, pele retinta, maquiagem para pele negra e identidade afro. Esses debates giram em torno da valorização da estética, da necessidade de produtos adequados e da importância de campanhas que reflitam, de fato, a diversidade racial. Paralelamente, o cluster relacionado ao racismo e ao enfrentamento evidencia um campo emocional intenso e mobilizador, no qual denúncias de discriminação e episódios de violência racial geram picos de engajamento e reforçam a dimensão política dessas discussões.

Outro eixo relevante é o do cabelo crespo e da cultura afro, que aparece como espaço de construção de identidade e compartilhamento coletivo, com grande participação de criadores de conteúdo que difundem rotinas de cuidado, dicas e reflexões sobre padrões estéticos. Já no campo das marcas e da publicidade, especialmente no que se refere à Natura e à Seda, observa-se uma ambivalência: ao mesmo tempo em que há reconhecimento de iniciativas, também emergem questionamentos sobre a autenticidade da representatividade e o real investimento em pesquisa voltada para pele e cabelo afro.

Por fim, a circulação de hashtags como #BelezaNegra, #MulheresNegras, #EmpoderamentoFeminino, #CabelosCrespos, #PeleRetinta e #AutoestimaNegra evidencia a consolidação de uma comunidade discursiva engajada, que articula identidade, estética e política. Mais do que tendências digitais, essas marcações funcionam como dispositivos de afirmação e pertencimento, revelando que a beleza negra, hoje, não é apenas celebrada — ela é reivindicada, discutida e constantemente ressignificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

H'Ainda um longo trabalho a ser feito

Com o objetivo de contribuir para a valorização da autoestima dos corpos colocados em discurso, a presente dissertação buscou verificar como as mulheres negras mobilizam estratégias discursivas para ressignificar práticas de agressão racistas direcionadas a elas. Para isso, a pesquisa foi conduzida através da Análise do Discurso de linha francesa, justificando comportamentos racistas e anti racistas através de semas linguísticos.

Metodologicamente, nos alinhamos aos pequenos corpora discursivos para análise do discurso feita de maneira manual, assim como também dados quantitativos extraídos da ferramenta de análise de dados e social listening Brandwatch.

A pesquisa teve como objetivo compreender o histórico social da beleza negra na literatura, analisando um conjunto de campanhas publicitárias destinadas à valorização da beleza e autoestima das mulheres negras, especificamente quando se trata do cabelo crespo.

Sob a hipótese de que o racismo é um fenômeno que moldou a estrutura da sociedade brasileira, é possível concluir que, ao longo dos últimos 3 anos, foi identificado um padrão de comportamento no aumento e valorização da autoestima das mulheres negras, construindo fontes de resistência, bandeiras de luta, empoderamento e representatividade. A análise revela a força da beleza negra como afirmação política. Mais do que estética, o tema é identidade, pertencimento e enfrentamento ao racismo. A estética negra está moldando moda, beleza e pautas sociais. A narrativa da mulher negra se fortalece como uma das mais potentes no Brasil contemporâneo: emocional, coletiva e profundamente transformadora.

Em definitivo, a pesquisa contribui para o âmbito acadêmico no sentido de expansão, desenvolvimento e transformações dos movimentos sociais, como o feminismo negro, proporcionando a mobilização da sociedade brasileira no sentido de reivindicação de direitos básicos das mulheres e do movimento negro em si.

Conclui-se, portanto, que a valorização da beleza negra e o reconhecimento do protagonismo da mulher negra constituem elementos centrais no processo de transformação social. Ao afirmar sua estética, sua identidade e sua voz, a mulher

negra rompe padrões historicamente excludentes, questiona hierarquias raciais e de gênero e amplia as possibilidades de representação na sociedade. Esse movimento não se limita ao campo simbólico, mas impacta diretamente as relações sociais, promovendo inclusão, autoestima coletiva e justiça social. Assim, reconhecer e fortalecer a mulher negra é não apenas um ato de reparação histórica, mas também um passo indispensável para a construção de uma sociedade mais plural, equitativa e democrática. Conforme Gonzalez (2020, p. 146, apud Vargas),

a presença de mulheres no cenário social tem sido um fato incontestável nos últimos anos, buscando novas soluções para os problemas impostos por uma ordem social, política e econômica que historicamente as marginaliza. Nessa presença, a crise econômica, política, social e cultural tem sido um elemento desencadeador que acelera os processos que estavam se formando. De fato, por um lado a crise acentuou a evidência do esgotamento do modelo de desenvolvimento do capitalismo dependente, por outros expõe como seus efeitos são recebidos diferentemente em planos setores sociais, de acordo com as contradições especificar nas quais estão submersos, incentivando assim o surgimento de novos campos de conflito e novos atores sociais. É nessa complexidade que se localizam o surgimento e o reconhecimento de novos movimento sociais, inclusive o das mulheres, que avançaram a partir da suas contradições específicas, de um profundo questionamento da lógica estrutural da sociedade.

Sabe-se que baseado nesse questionamento da lógica estrutural da sociedade, ainda temos muito à frente. Conforme aponta Bell Hooks (2000, p. 54), embora ainda haja muitos desafios a serem enfrentados no interior do movimento feminista, especialmente no que diz respeito às questões de raça e racismo, é igualmente importante reconhecer e celebrar as transformações já conquistadas. Para a autora, essa celebração não deve ser entendida como acomodação, mas como parte de uma estratégia política, na medida em que os triunfos do movimento podem servir como base para a construção de um feminismo antirracista enraizado e coletivo. Nesse sentido, hooks enfatiza a necessidade de compreender essas conquistas como fundamentos para a continuidade da luta. Sigamos lutando.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- ALMEIDA, Jacqueline; BARONAS, Roberto Leiser (org.). Fake News: abordagens discursivas. Araraquara: **Letraria**, 2023. Disponível em: <https://www.lettraria.net/fake-news-abordagens-discursivas/>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- BARONAS, Roberto Leiser. Inscri(surrei)ções enunciativas em ambientes diversos: discursos pejorativos, ressignificação e revascularização discursivas. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, e46933, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46933>.
- BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Jean Lauand. Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13708>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13708>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Jean Lauand; CONTI, Cláudia Barbosa. Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguistas. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 52, n. 1, p. 15-33, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52i1.1530>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1530>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- BARONAS, Roberto Leiser; DAMASCENO, Luciana (org.). Análise de discurso, ensino e discursos de ódio: resistência, ressignificação e revascularização discursiva. Araraquara: **Letraria**, no prelo.
- BARONAS, Roberto Leiser. Ressignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital. In: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Margareth Andrade; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de (org.). Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas. Araraquara: **Letraria**, 2023. Disponível em: <https://www.lettraria.net/analise-do-discurso-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

- BARONAS, Roberto Leiser; PINHEIRO, Clemilton Lopes; NOGUEIRA, Stelyo Rubens de Souza. A natureza digital do ChatGPT: estudo exploratório em homenagem a Mônica Magalhães Cavalcante. **Revista do GELNE**, Natal, v. 27, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2025v27n1ID39752>.
- BARONAS, Roberto Leiser; SOUZA, Maria Inês de. **Notas sobre inscri(ssurei)ções de movimentos sociais: ressignificação e revascularização discursivas**. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto et al. (org.). *Tecendo sentidos: investigações em estudos linguísticos, textuais e discursivos*. São Paulo: FFCLH/USP, 2024.
- BENDER, Emily M. et al. **On the danger of stochastic parrots: can Language Models be too big?** In: CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY (FAccT), 2021, Virtual. Proceedings [...]. Nova York: ACM, 2021.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Jandaíra, 2019.
- BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2020.
- BUTLER, Judith. **Le pouvoir des mots: discours de haine et politique du performatif**. Tradução de Charlotte Nordmann e Jérôme Vidal. Paris: Éditions Amsterdam, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **The psychic life of power: theories in subjection**. Stanford: Stanford University Press, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781503616295>.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Zahar, 2023.
- CARREON, Renata de Oliveira; BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Estudos discursivos do Monjolinho: questões em torno do digital*. Campinas: Abralin, 2024. Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2025/03/estudos-discursivos-do-monjolinho.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2026.

- CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Margareth Andrade; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de (org.). *Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas*. Araraquara: **Letraria**, 2023. Disponível em: <https://www.lettraria.net/analise-do-discurso-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- CAVALCANTE, João Wesley. **O papel da inteligência artificial na construção dos 'efeitos de sentido' em torno das noções de desenvolvimento sustentável e de durabilidade**. In: SEMINÁRIO CONSTRUCTION, DIFFUSION ET RÉAPPROPRIATION DU DISCOURS MULTILINGUE INTERNATIONAL DES OBJECTIFS DE DÉVELOPPEMENT, 2025, Paris. Comunicação apresentada [...]. Paris: Université Sorbonne Nouvelle/CEAO/CLESTHIA, abr. 2025.
- COSTA, Jean Lauand. **#EleNão: a hashtag salamandra nos entremeios da política brasileira**. In: PAVEAU, Marie-Anne; BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Julia (org.). *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar/Fapesp, 2021. p. 75-100.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.
- DIAS, Cristiane. **O sentido de automatização na análise de discurso: sobre a maquinaria dos sentidos**. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 198-221, jul./dez. 2019.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: a questão da memória**. In: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Margareth Andrade; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de (org.). *Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas*. Araraquara: Letraria, 2023. Disponível em: <https://www.lettraria.net/analise-do-discurso-digital/>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- DOMINGUES, Joelza. **Nzinga, a Rainha Negra**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/nzinga-a-rainha-negra-contra-os-trafficantes-portugueses/>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- DUARTE, André; NEGÓCIO, Rodrigo de Veras. **Todos são iguais perante o algoritmo? Uma resposta cultural do direito à discriminação algorítmica**. *Direito Público*, Brasília, v. 18, n. 100, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11117/rdp.v18i100.5869>.

- DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**. Belo Horizonte: Vestígio, 2020.
- EMARA, Ingy Farouk. **A linguistic comparison between ChatGPT-generated and non-native student-generated short story adaptations: a stylometric approach**. Smart Learning Environments, [s. l.], v. 12, n. 36, p. 1-25, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40561-025-00388-z>.
- ESCOLA SOLIDÁRIA DE ALTOS ESTUDOS DO DISCURSO. [S. l.]: LEEDiM, 2 jul. 2021. 1 vídeo (25 h). Publicado no canal LEEDiM. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QmwzmUZ_VuI&list=PLL1v_NyyySqRHJpOG0ty2FnTQJHKL38wT. Acesso em: 16 jan. 2026.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2020.
- HARAWAY, Donna J. **A cyborg manifesto: science, technology, and socialism-feminism in the late twentieth century**. In: HARAWAY, Donna J. Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature. Nova York: Routledge, 1991. p. 149-181.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.
- JABLONSKI, George. **The evolution of skin pigmentation and hair texture in people of African ancestry**. Dermatologic Clinics, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 113-121, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0733863513001253>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- KUNERT, Stéphanie. **Circulations-transformations: le stéréotype et la norme re-signifiés: vers une théorie communicationnelle des processus de stéréotypie et de normativité: les minorités sexuelles et de genre dans les discours marchands et les discours militants**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Paris 4: Celsa, Paris, 2010.
- LEEDIM. **Análise de discurso, ensino e discursos de ódio: resistência, resignificação e revascularização discursiva**. [S. l.]: LEEDiM, 4 abr. 2025. 1 vídeo (60 h).

Publicado no canal LEEDiM. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=-M4rQ6JeFHk&t=211s>. Acesso em: 17 jan.
 2026.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed.
 Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo:
 Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti.
 Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e
 Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização
 de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Tradução de Adail
 Sobral et al. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et al. São
 Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio
 Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os enunciados aderentes**. DELTA: Documentação de
 Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 1-22, 2020.
 Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/delta/a/J3zZSJpzLnFLLRrn8jh6hgp/?lang=pt>. Acesso
 em: 17 jan. 2026.

MAINGUENEAU, Dominique. **Une inquiétante fracture discursive**. Cadernos de
 Campo, Araraquara, n. 28, jan./jun. 2020. Disponível em:
<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/14186/9653>. Acesso em:
 17 jan. 2026.

MAINGUENEAU, Dominique. **Enunciados aderentes**. Tradução de Sírio Possenti.
 São Paulo: Parábola, 2022.

- MAINGUENEAU, Dominique. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos. São Paulo: Contexto, 2025a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Uma fratura discursiva preocupante**. In: MAINGUENEAU, Dominique. *As margens do discurso*. Organização de Nelson Barros da Costa, Maria das Dores Mendes e José Wesley Matos. São Paulo: Contexto, 2025b.
- MARGALIT, Avishai. **La société décente**. França: Flammarion, 2007. (Champs essais).
- MOIRAND, Sophie. **L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité**. Corpus, [s. l.], n. 18, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpus.3519>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpus/3519>. Acesso em: 12 jul. 2024. Tradução brasileira disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826>. Acesso em: 12 jul. 2024.
- PAVEAU, Marie-Anne; GOLDSTEIN, N. S. Palavras anteriores: os pré-discursos entre memória e cognição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 9, p. 311-331, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p311-331>.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória e cognição**. Tradução de Greciely Costa e Debora Massmann. Campinas: Pontes, 2013.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Ce qui s'écrit dans les univers numériques**. Itinéraires, [s. l.], n. 1, p. 1-24, 2015.
- PAVEAU, Marie-Anne. **La blessure et la salamandre: théorie de la resignification discursive**. In: COLLOQUE DU CARISM, 2019, Paris. *Stigmatiser: normes sociales et pratiques médiatiques*. Paris: Université de Paris, 2019a. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 17 jan. 2026.
- PAVEAU, Marie-Anne. **La resignification: pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel**. In: PAVEAU, Marie-Anne (dir.). *Discours numériques natifs: des relations sociolangagières connectées*. Langage & Société, Paris, n. 167, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.3917/lis.167.0111>.

Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02145765/document>. Acesso em: 17 jan. 2026.

PAVEAU, Marie-Anne. **Feminismos 2.0: usos tecnodiscursivos da geração conectada**. Tradução de Julia Lourenço Costa. In: LOURENÇO, Julia; BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Feminismos em convergências: discurso, internet e política*. Portugal: Grácio Editor, 2020. p. 19-23.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Organização da tradução de Julia Lourenço e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne; BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Julia (org.). *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar/Fapesp, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Tradução de José Horta Nunes. Caderno de Estudos Linguísticos da Unicamp, Campinas, n. 19, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Apresentação da análise automática do discurso (1982)**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 251-279.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. v. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007a.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007b.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017**.

RODRIGUES, Felipe Corrêa; BARONAS, Roberto Leiser; COSTA, Jean Lauand. **Enciclopédia discursiva da Covid-19: o primeiro ano da pandemia**. São Carlos: EdUFSCar, 2023.

ROUSSIN, J. **Fake News: um problema de crença**. In: ALMEIDA, Jacqueline; BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Fake News: abordagens discursivas*. Araraquara: Letraria, 2023. Disponível em: <https://www.letraria.net/fake-news-abordagens-discursivas/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.